

## O REI ARTUR E D. SEBASTIÃO ENTRE AS SIMBOLOGIAS DO DRAGÃO, DO URSO E DO TOURO: DO MEDIEVO À CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>

Adriana Zierer<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é relacionar dois modelos ideais de reis, Artur e D. Sebastião, com a simbologia animal do dragão, do urso e do touro respectivamente. Associados à figura de Cristo, ambos são capazes, no imaginário, de trazer a paz, a justiça e a prosperidade às populações, em diferentes momentos históricos. Artur traz a fartura através do Santo Graal. Já D. Sebastião seria capaz de retomar dos muçulmanos Alcácer-Quibir, no Marrocos. Ademais, através da representação desses soberanos, de seu caráter messiânico e de sua relação com o simbolismo animal mencionado, podemos também refletir sobre o imaginário político em geral e sobre suas reminiscências medievais. Enfim, acreditamos que, ao pensar acerca do governante perfeito, é possível mostrar não apenas a importância da História como disciplina, mas os vínculos entre o passado e o presente.

**Palavras-chave:** Rei Artur; D; Sebastião; Simbologia Animal.

KING ARTHUR AND SEBASTIAN OF PORTUGAL. BETWEEN THE SYMBOLISM OF THE DRAGON, THE BEAR AND THE BULL. FROM MEDIEVAL TIMES TO CONTEMPORANEITY

**Abstract:** This paper aims to study the relationship between two models of ideal kings (Arthur and Sebastian of Portugal) and the symbolism of the dragon, the bear and the bull respectively. Both associated with the figure of Christ, these sovereigns were thought capable of bringing peace, justice and prosperity to people, at different times. For example, Arthur would bring abundance through the Holy Grail. Sebastian of Portugal, for his part, would conquer Alcácer Quibir from the Muslims, in Morocco. Furthermore, through their representation, messianic character and relationship with the aforementioned animal symbolism, we can also reflect on the political imaginary in general and its medieval reminiscences. Finally, we believe that, by thinking about the image of the perfect ruler, it is

---

<sup>1</sup> *In memoriam* de nosso cachorro, Tarzan, que faleceu, com 17 anos, em 26/10/2020, dia que finalizei a primeira versão deste artigo, o qual se relaciona também ao cão, por tratar da simbologia animal. Dedico este artigo ao Prof. Dr. Marcus Baccega (UFMA/*Brathair*), mais um dos apaixonados pelo tema do rei Artur, D. Sebastião e dos “encantados” e com quem travo sempre um diálogo muito profícuo sobre esta temática. A ideia de escrever o texto proveio inicialmente da conferência que ministrei em 2011 no *V Congreso Transfronteirizo de Estudios Celtas (España-Portugal)*, com o título *O Rei Artur e a Simbologia do Urso e do Dragão*, realizada em Ávila, na Espanha. Agradeço ao Prof. Dr. Ramon Sainero pelo convite à conferência. Ao longo dos anos, aprofundei os estudos sobre Artur e também me interessei por outra figura mítica, D. Sebastião, rei messiânico relacionado a Artur. Agradeço também à professora Leila Rodrigues da Silva pelo convite ao desafio proposto para submissão à revista de História Comparada, no dossiê Idade Média em Perspectiva Comparada, organizado, além da professora citada, pelos docentes Andreia Frazão da Silva, Paulo Pachá e Paulo Duarte. Por fim, agradeço ao Prof. Tiago Augusto Nápoli (Doutorando em Letras Clássicas do DLCV-USP) pela leitura e sugestões referentes às fontes primárias latinas.

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Maranhão. Email de contato: [adrianazierer@gmail.com](mailto:adrianazierer@gmail.com)

possible to show not only the importance of history as a discipline, but the critical link between past and present.

**Keywords:** King Arthur; Sebastian of Portugal; Animal Symbolism.

Acreditava-se que o príncipe Sebastião se ocultava em uma ilha, uma gruta ou floresta. É um rei dos pobres [...] Talvez esse príncipe salvador não conheça a sorte que a história lhe reserva [...].<sup>3</sup>

## 1. Introdução

Hoje nós temos um grande aceleração do tempo, novas tecnologias e, com elas, o encurtamento das distâncias e o estabelecimento do mundo dito globalizado. Neste sentido, a História Global surgiu para oferecer novas metodologias e novos objetos de pesquisa, bem como a “ideia de pensar a história para além das fronteiras nacionais e também a necessidade de se ‘provincializar’ o Ocidente”.<sup>4</sup>

Comparar o Incomparável, já dizia Marcel Detienne.<sup>5</sup> O que o passado tem a ver com o presente? Como personagens míticos – como o rei Artur – ou que se tornaram míticos – como o histórico D. Sebastião – podem nos auxiliar a compreender o presente? Vários autores desde Marc Bloch,<sup>6</sup> passando por Ciro Cardoso,<sup>7</sup> Yves-Marie Bercé,<sup>8</sup> Jérôme Baschet<sup>9</sup> e José d’Assunção Barros<sup>10</sup>, entre outros pesquisadores, salientam a importância de se fazer a História Comparada, isto é, tomar realidades distintas, diferentes períodos, espaços, fontes históricas diversas e outros elementos, para que, através de tal cotejo, possamos compreender a atualidade. Nas palavras de Bloch na *Apologia da História*, o

---

<sup>3</sup> BERCÉ, Yves-Marie. **O Rei Oculto: salvadores e impostores. Mitos Políticos Populares na Europa Moderna.** São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2003. p. 10.

<sup>4</sup> SANTOS JÚNIOR, João Júlio; SOCHACZEWSKI, Monique. História Global: um empreendimento intelectual em curso. **Revista Tempo**, v. 23, n. 3, p. 483-502, set-dez 2017. p. 483.

<sup>5</sup> DETIENNE, Marcel. **Comparar o Incomparável.** Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

<sup>6</sup> BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>7</sup> CARDOSO, Ciro F. O Método Comparativo na História. In: \_\_\_\_; PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. **Os Métodos da História.** Rio de Janeiro: Graal, 2002, p. 409-419.

<sup>8</sup> BERCÉ, Yves-Marie. **O Rei Oculto: salvadores e impostores. Mitos Políticos Populares na Europa Moderna.** *Op. cit.*

<sup>9</sup> BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal.** Rio de Janeiro: Globo, 2004.

<sup>10</sup> BARROS, José d’ Assunção. **História Comparada.** São Paulo: Contexto, 2014.

historiador estuda o passado para compreender o presente.<sup>11</sup> Em suma, é importante que se consiga atingir o restante da sociedade, a fim de que especialistas e pessoas comuns reflitam criticamente sobre seu passado (segundo a perspectiva da História-problema) e construam assim uma sociedade melhor.

A proposta deste artigo é refletir sobre dois monarcas: um mítico, o rei Artur; e outro, que, embora histórico, acabaria se tornando também mítico, ou seja, D. Sebastião de Portugal, último monarca da Dinastia de Avis (1385-1580). Pensando que o mito é uma explicação simbólica da realidade, na qual se acredita que uma determinada narrativa é uma realidade vivida<sup>12</sup>, podemos refletir sobre a importância desses dois personagens que, tanto no passado quanto no presente, viram-se ligados a elementos que circularam do Oriente ao Ocidente. Neste sentido, o Santo Graal, relacionado a Artur, desloca-se da Palestina do presente, onde Cristo foi Crucificado, para a Inglaterra do rei Artur. Por sua vez, D. Sebastião vai de Portugal ao Marrocos e depois, através de ressignificações e atualizações, chega ao Brasil, através da cultura popular. Ambos os monarcas se tornaram, ontem e hoje, modelos de governantes ideais.

Artur povoa o imaginário da atualidade através da indústria cultural (por meio de filmes, jogos de videogame, romances, quadrinhos, entre outros). D. Sebastião, por sua vez, está “vivo” – ainda que de forma simbólica –, em algumas localidades brasileiras contemporâneas. Esses reis estão relacionados a características positivas do poder político, tais como a abundância, a justiça e a felicidade do povo.

Não menos importante, ambos são associados a animais específicos. No caso de Artur, têm-se as figuras do dragão e do urso; quanto a D. Sebastião, observa-se o touro. Somado ao que foi dito acima, nosso objetivo, portanto, é discutir a importância no passado e no presente desses dois reis e sua relação com a simbologia dos três animais mencionados. Também salientamos que o nosso texto

---

<sup>11</sup> Ver especialmente o capítulo 1 (A história, os homens e o tempo) deste livro: BLOCH, Marc. **Apologia da História. Ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 51-68.

<sup>12</sup> CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

insere-se não somente na Nova História Política,<sup>13</sup> mas sobretudo na *História do Imaginário Político*, discutida por Le Goff em textos como *A Política seria a Espinha Dorsal da História?*<sup>14</sup>

Desde a Antiguidade, foram atribuídas características míticas aos governantes. Assim, no Egito Antigo, por exemplo, o faraó era considerado a encarnação de Hórus e o filho do Deus solar Rá.<sup>15</sup> Entre os romanos, conferia-se um aspecto divino aos imperadores, crença cuja não aceitação levaria à perseguição dos primeiros cristãos em época imperial.

Na *Bíblia*, os bons reis, tais como Davi e Salomão, eram ungidos com os santos óleos pelos profetas. Entre os germanos, as figuras régias eram associadas à terra e, em determinados casos, o monarca poderia ser morto e ter partes de seu corpo enterradas no solo, para que este recuperasse a fertilidade.<sup>16</sup>

A mesma associação ocorre nas populações de origem céltica. Nos relatos arturianos, observa-se a figura do rei da Terra Gasta, isto é, terra que teria deixado de dar frutos devido a um ferimento do Rei Pescador. Paralítico em virtude de um ferimento de lança – ferimento causado por uma mácula sexual –,<sup>17</sup> este rei é normalmente acudido por um sobrinho, um guerreiro eleito que lhe traz a cura por meio do Graal, objeto com propriedades mágicas. Citado desde Chrétien de Troyes em *O Conto do Graal (Le Conte du Graal)*, este guerreiro poderá ser, por exemplo, o cavaleiro Perceval<sup>18</sup> ou ainda, em narrativas posteriores em prosa e cristianizadas, Galahad, ou melhor, Galaaz, nas versões portuguesas,<sup>19</sup> nome de origem bíblica,

---

<sup>13</sup> Sobre as novas abordagens da História Política, cf.: entre outros, FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. In: **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 61-89; NIETO SORIA, José Manuel. Introducción. In: \_\_. **Fundamentos Ideológicos del Poder Real en Castilla**. Madrid: EUDEMA Universidad, 1988. p. 19-33; BARROS, José D'Assunção. História Política: da expansão conceitual às novas conexões intradisciplinares. **Opsis**, Catalão, v. 12, n. 1, p. 29-55, jan./jun., 2012.

<sup>14</sup> LE GOFF, Jacques. A História Política Continua a ser a Espinha Dorsal da História? In: \_\_. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994. p. 351-367.

<sup>15</sup> CARDOSO, Ciro. **Sete Olhares sobre a Antiguidade**. Brasília: Ed. UNB, 1998. p. 79.

<sup>16</sup> BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**, 1993. p. 71-72.

<sup>17</sup> ALVAR, Carlos. **Breve Dicionário Artúrico**. Madrid: Alianza Editorial, 1997. p. 238-241.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 230-232.

<sup>19</sup> A este propósito ver *A Demanda do Santo Graal*, que possui versões em português arcaico. **A Demanda do Santo Graal**. Ed. crítica e fac-similar de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. I (1955), v. II (1970); **A Demanda do Santo Graal**. Ed. de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995. Para a edição mais recente em português

cujo significado “o puro dos puros, o próprio messias” representaria “um novo Cristo, ou um Cristo sempre vivo, em peregrinação mística pelo mundo”<sup>20</sup>.

A simbologia do rei unido às forças da natureza e à abundância e fertilidade está relacionada aos animais que iremos estudar neste artigo. Ainda sobre os atributos mágicos do soberano no medievo, desde o século o século VII, os monarcas voltaram a ser ungidos com os santos óleos, inicialmente na Hispânia e, a partir do século seguinte, no reino franco.

Aos monarcas das atuais França e Inglaterra era atribuída na Idade Média Central o poder de curar as escrófulas, tuberculose ganglionar, por meio do toque régio. Este aspecto reforça o caráter curativo dos reis, seres de natureza dupla, possuindo a um só tempo características humanas e divinas. A cura dessa doença na Inglaterra, cura associada a Henrique II, da Dinastia Plantageneta, é atestada por Pierre de Blois, que afirmou que a mesma se daria graças ao fato de Henrique haver sido ungido rei.<sup>21</sup>

Na Península Ibérica, embora os monarcas não fossem coroados tampouco ungidos, mas seu poder confirmado pela cerimônia de aclamação, acreditava-se que possuiriam aspectos sagrados, como a capacidade de curar enfermidades, as possessões demoníacas (prática atestada nas *Cantigas de Santa Maria*)<sup>22</sup> e também outras doenças, dentre elas a epilepsia. Também teriam o poder de destruir o mal com o olhar. No mais, os monarcas dos países ibéricos estavam associados a determinados animais (*e.g.* o leão), daí se esperar que, com a morte do governante, poderia haver períodos de desestabilização da ordem, em virtude da associação do monarca ao divino.<sup>23</sup>

No caso de Artur, além de sua relação com a prosperidade, ele será considerado um rei justo, cujo símbolo maior, a tábua redonda, ou seja, mesa ao redor da qual todos se sentavam como iguais, é mencionado pela primeira vez pelo normando Robert Wace: *Fist Artur la Runde Table*. “Artur fez a tábua redonda [...]

---

moderno, cf.: **A Demanda do Santo Graal**. Edição de Heitor Megale. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

<sup>20</sup> MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 32ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 28.

<sup>21</sup> BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**, *Op. Cit.*, p. 62.

<sup>22</sup> NIETO SORIA, José Manuel. *Fundamentos Ideológicos...* *Op. Cit.*, p. 67-69.

<sup>23</sup> GOMES, Rita. A Reflexão Antropológica na História da Realeza Medieval. **Etnográfica**, v. 2, n. 1, 1988, p. 137-138.

ali sentavam os vassallos, todos iguais, todos líderes; eles eram colocados igualmente em volta da mesa e eram igualmente servidos”.<sup>24</sup>

Artur figura como uma espécie de “espelho”, congregando todas as características ideais que os reis medievais deveriam possuir. No medievo, foram compostos espelhos de príncipes, modelos de ensinamentos aos monarcas, de acordo com a conduta dos bons reis bíblicos: Davi, Salomão, Josias, entre outros. Deveriam ser benéficos, justos e expandir a fé cristã. Podemos perceber que Artur possui esses elementos na *Historia regum Britanniae*, escrita pelo clérigo galês Geoffrey de Monmouth, primeira obra latina a apresentá-lo como um rei cristão e que garantiu a circulação do mito arturiano por escrito na Europa Ocidental.<sup>25</sup>

Em consequência, não é por acaso que o caráter sobrenatural atribuído aos reis no imaginário levou muitas populações, no passado e presente, a relacionar os monarcas a animais que representam a força e a fertilidade, tais como o dragão e o urso, vinculados ao rei Artur; e o touro, a D. Sebastião.

## **2. Aspectos Gerais das fontes arturianas: das fontes galesas à *Historia Brittonum*, de Nennius, e a *Historia regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth.**

A figura de Artur foi criada inicialmente pelas populações de origem céltica que habitavam a Bretanha (atual Grã-Bretanha). Com a crise do Império Romano do Ocidente e a subsequente dominação da Bretanha pelos saxões, surgiu no imaginário a figura de um rei invencível que fosse capaz de unir os bretões e expulsar os invasores. Esse monarca nunca chegou a existir e, por isso, nasceu a figura de Artur.

---

24 WACE'S. **Roman de Brut**. Text and Translation Judith Weiss. Revised Edition. Exeter: University of Exeter, 2002. p. 244.

25 Sobre a figura de Artur, há uma ampla bibliografia, da qual citamos alguns estudos: FARAL, Edmond. **La Légende Arthuriene – Textes et Documents**. Paris: Honoré Champion, 1929. 3 v.; AURELL, Martin. **La Légende du Roi Arthur (550-1250)**. Paris: Perrin, 2007; BRUNEL, Pierre. (org.). **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997; LE GOFF, Jacques. **Homens e Mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013. p. 376-381; ZIERER, Adriana. **Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal: uma outra viagem para a Idade Média**. São Luís: Eduema/Apoio FAPEMA, 2013. Um paradidático voltado ao público leigo é: ZIERER, Adriana. **Artur**. São Paulo: Planeta, 2004. Ao longo deste artigo, mencionaremos outros estudos relacionados a este rei mítico.

Artur é um mito, porque não há comprovação histórica sobre sua existência. O mito é uma explicação simbólica da realidade, relacionada aos sentimentos e emoções.<sup>26</sup> Ao explicar as ideias de Cassirer, Roger Chartier afirma que a função simbólica é entendida como: “uma função mediadora que informa as diferentes modalidades de apreensão do real, quer opere por meio dos signos linguísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou dos conceitos de conhecimento científico”.<sup>27</sup>

O herói bretão é um amálgama de vários líderes que guerrearam entre si nos séculos V e VI. Com a expansão saxã no século VI, os bretões fugiram para as montanhas do oeste e norte (Cornualha, País de Gales e Escócia). No sul, estabeleceram-se na Pequena Bretanha (norte da atual França), fundindo-se com os conquistadores ou sendo mortos. As histórias sobre Artur se espalharam oralmente, sobretudo graças às ações de bardos como Bledri, que circulavam entre as cortes.<sup>28</sup>

Também é possível afirmar que a presença de Artur se destaca nas fontes galesas (isto é, do País de Gales), um dos principais locais de resistência aos germânicos que conquistaram a ilha. Com o domínio saxão consolidado, foram formados sete reinos independentes a partir do século VI, aquela que é conhecida como heptarquia anglo-saxônica.

No imaginário dos conquistados, a figura de Artur aparece por escrito inicialmente em uma elegia galesa, chamada *Gododdin* (século VII), do poeta Aneirin. O poema relata uma luta e menciona um herói valente, chamado Gorddur: “Mas aquele não foi Artur”, diz o poema, o que demonstra já a importância desta figura mítica no período.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> “O verdadeiro substrato do mito não é de pensamento, mas de sentimento. O mito e a religião primitiva não são, de maneira alguma, totalmente incoerentes, nem destituídos de sentimento ou razão; mas sua coerência depende muito mais da unidade do sentimento que de regras lógicas.” CASSIRER, 1972. p. 134.

<sup>27</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1988. p. 19.

<sup>28</sup> LOOMIS, Roger Sherman. **The Development of Arthurian Romance**. New York: Dover, 2000. p. 34.

<sup>29</sup> Y Gododdin. The Gododdin Elegies. In: KOCH, John (Ed.). **The Celtic Heroic Age. Literary Sources for Ancient Celtic Europe and Early Ireland and Wales**. Massachusetts: Celtic Studies Publication, 1995, p. 305, v. 1237-1244.

No século X, outro poema galês, de origem anônima, intitulado *Preideu Annwryn (Os Despojos do Outro Mundo)*, menciona a ida de Artur e seus guerreiros em busca do caldeirão da abundância, o qual era circundado de pérolas e se encontrava em *Annwryn*, o Outro Mundo celta.<sup>30</sup>

Essa expedição, porém, fracassa e dela só retornam Artur e sete guerreiros. O tema deu origem posteriormente às narrativas relacionadas ao Santo Graal, cálice em que Cristo bebeu na Última Ceia e que teria portado o sangue do Senhor, durante a Crucificação. Levado da Palestina à Inglaterra, o objeto possuiria elementos mágicos e curativos.<sup>31</sup>

Outras narrativas galesas onde aparece a figura de Artur estão contidas no *Mabinogion*, coletânea de contos em prosa, postos por escrito entre os séculos XII e XIV, porém oriundos da tradição oral galesa, remontando ao período La Tène (séculos V a III a.c.). Esses contos foram compilados no século XIX por Lady Charlotte Guest e traduzidos para o inglês.<sup>32</sup>

Um dos contos, *Kulwuch e Olwen*, relata a caça ao javali Troynt, narrativa que é mencionada por Nennius em seu relato latino do século IX. Nesse caso, Artur aparece como rei, e são mencionados os seus armamentos: a espada, a lança Ron e o escudo, os quais também são citados em narrativas posteriores. São mencionados também os guerreiros do rei, que possuíam força descomunal, tais como Gwalchmei e Kai.

Paralelamente à tradição oral e escrita, principalmente de origem galesa, foram elaborados relatos latinos sobre Artur. É importante mencionar que nessas narrativas os bretões são dominados pelos saxões devido aos seus pecados. Esta ideia é defendida tanto por Nennius, na *História dos Bretões*, quanto por Geoffrey de Monmouth na *História dos Reis da Bretanha*.

---

<sup>30</sup> ZIERER, Adriana. **Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal**, 2013. p. 192-198.

<sup>31</sup> O Graal está diretamente relacionado ao mito do caldeirão da abundância. Na mitologia celta e descrito também no **Mabinogion** temos tanto o caldeirão da regeneração, onde os guerreiros mortos poderiam recobrar a vida, perdendo, porém, o poder de fala, como o caldeirão da abundância, local de onde por mais que se tirasse a comida, a mesma nunca acabava. Cf.: *Ibidem*, p. 195-198; ALVAR, *Op. Cit.*, p. 135-137.

<sup>32</sup> Há uma versão disponível em inglês da tradução de Lady Charlotte Guest do **Mabinogion**, disponibilizada pelo Projeto Gutenberg e que se encontra online. Cf.: <https://www.gutenberg.org/files/5160/5160-h/5160-h.htm>. Acesso em: 30/08/2020.



A primeira vez em que este personagem é desenvolvido em uma narrativa em latim foi na *Historia Brittonum*, do clérigo galês Nennius. Embora a narrativa tenha sido composta por volta de ano 800, houve interpolações por vários séculos. Neste relato, temos vários elementos míticos importantes de Artur que foram desenvolvidos em narrativas posteriores que circularam pela Europa Ocidental. O relato enfatiza, por exemplo, seu caráter guerreiro ao falar da caçada do rei ao javali. No mais, retomaremos mais tarde esse aspecto de Artur, por meio do qual o urso (poder régio) contrapõe-se ao javali (poder sacerdotal), oposição característica da mitologia celta.

Na *Historia Brittonum*, Artur não é um rei, mas um *dux bellorum*, chefe guerreiro. É o vencedor dos saxões em doze batalhas, muitas em locais míticos, sendo a mais importante a Batalha do Monte Badon. Antes de Nennius, Gildas menciona a batalha. Neste caso, porém, o vencedor não seria Artur, cujo nome não é mencionado em *A Destruição e Conquista da Bretanha*, mas sim o romano Aurélio Ambrósio.<sup>33</sup>

Segundo Nennius, Artur venceu sozinho – somente com suas armas e o escudo da Virgem Maria (que carregava nos ombros) – 960 saxões. Além disso, a narrativa menciona outros elementos maravilhosos sobre o herói. Seu túmulo era capaz de mudar de tamanho, e ele teria matado o próprio filho, chamado Anir na narrativa.<sup>34</sup> O relato menciona ainda outras *mirabilia*, intituladas *As Coisas Maravilhosas da Bretanha*, tais como as águias, o lago Lomond, entre outras.

Com a dominação anglo-normanda das Ilhas Britânicas, a partir da Batalha de Hastings em 1066, ou seja, quando o normando Guilherme, o conquistador derrotou o rei saxão Haroldo, os novos dirigentes contrataram outro clérigo de origem galesa, para compor um relato sobre a origem dos bretões, desta vez relacionando o principal herói bretão, Artur, com os normandos.

A *Historia regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth foi composta entre os anos de 1135 a 1138, por encomenda de Henrique I, avô de Henrique Plantageta. A obra possui duas dedicatórias, à rainha Matilde e ao Conde de Galeran. A narrativa se inspira na *História dos Bretões* e dedica uma parcela sua a

---

<sup>33</sup> BRUNEL, Pierre. (org.). **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

<sup>34</sup> NENNIUS. *Op. Cit.*, p. 252.

falar acerca de Artur e de sua importância. Este é o relato latino no qual Artur aparece pela primeira vez como um rei cristão invencível.

Na obra de Geoffrey, ao contrário dos saxões, os normandos tinham direito ao trono por serem descendentes do rei Artur. Esta obra, visando a uma maior circulação na corte, foi logo traduzida em anglo-normando, em versos com o *Roman de Brut*, de Robert Wace, seguido do Layamon. O encontro dos túmulos de Artur e Guenever na abadia de Glanstonbury (1191) faz parte de um esforço dos anglo-angevinos em atestar que Artur não retornaria mais e que eles seriam seus legítimos descendentes.<sup>35</sup>

Entre o final do século XIII e o início do século XIV, o rei Eduardo I ordenou que fosse feita uma réplica da tábua redonda, localizada no castelo de Winchester. Mais tarde, Henrique VIII mandou repintar a mesa nas cores branco e verde (símbolo da sua dinastia), bem como colocar a rosa dos Tudor no centro da peça, mais uma vez buscando relacionar o rei Artur com o fortalecimento do poder régio.

Dentre as características de Artur na *Historia regum Britanniae* permanece o aspecto da invencibilidade guerreira, já observada em Nennius. Além disso, Artur é apresentado como um rei cristão, vencedor dos pagãos (principalmente dos saxões, mas também de povos de origem celta não-cristã, como os pictos e os escotos) e até mesmo do Império Romano, o qual desejava lhe cobrar tributos.

Geoffrey afirma ter se baseado em fontes como Gildas e Nennius, porém a maior parte do que relata, apesar de se inspirar neste segundo, é inventada. A narrativa é uma mistura de ficção (com elementos, por exemplo, das canções de gesta, através do relato épico) e da crônica histórica<sup>36</sup>.

A *Historia regum Britanniae* apresenta elementos importantes da figura de Artur, relacionada aos animais míticos de que tratamos aqui: o urso e o dragão. Além disso, o rei possui tanto elementos pagãos quanto cristãos nessa obra. É dito no relato que sua espada Caliburn foi composta no Outro Mundo Céltico. No entanto, o soberano possuía, tal como descrito por Nennius, o escudo com a

---

<sup>35</sup> FRANCO JR., Hilário. O Retorno de Artur: o imaginário da política e a política do imaginário no século XII. In: \_\_\_\_\_. **Os Três Dedos de Adão**. São Paulo: EDUSP, 2010. p. 173-192.

<sup>36</sup> MATTHEY-MAILLE, Laurence. Introduction. In: GEOFFREY DE MONMOUTH. **Historia Regum Britanniae (Histoire des Rois de Bretagne)**. Traduite et commenté par Laurence Mathey-Maille. Paris: Les Belles Lettres, 1993. p. 10-14.

imagem da Virgem Maria. Esses objetos garantiam nesse relato a sua força guerreira e invencibilidade. Vemos (figura 1) Artur de armadura e segurando o escudo:



Figura 1. **Langtoft's chronicles**: Northern England, c. 1307 – c. 1327, [Royal MS 20 a ii](#), f. 4r, British Library.

<https://blogs.bl.uk/digitisedmanuscripts/2019/09/king-arthur-fable-fact-and-fiction.html>

[http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Royal\\_MS\\_20\\_A\\_II](http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Royal_MS_20_A_II)

Ele deixa aqui de ser um mero guerreiro invencível e se torna um rei cristão invencível e expansionista, que chega a derrotar o Império Romano e a submeter 30 reinos ao seu poder. Por isso, como é possível observar na imagem do manuscrito, o soberano porta um dos principais elementos régios, a coroa, e devido a seu caráter bélico e cavalheiresco, a espada. As espadas são de forma geral objetos mágicos e possuem nomes no medievo. Como exemplo, podemos citar Durandal, de Rolando, e a espada mais famosa deste período, Caliburn ou Excalibur. Na imagem, o rei está também trajado com uma armadura de cota de

malha, coberta por um tecido vermelho. Essa obra menciona que a corte arturiana era um lugar de cortesia.

Nas fontes escritas latinas que dão base às informações sobre os armamentos do rei, isto é, os relatos de Nennius, Geoffrey e depois a versão anglo-normanda de Wace, afirma-se que Artur portava seu escudo (Pridwen) com a imagem da Virgem. Dito isso, as imagens vão muito além daquilo que os textos informam, dando novas interpretações a estes.<sup>37</sup> Podemos observar na figura 1 que Artur segura o escudo com a imagem da mãe de Jesus, em um fundo vermelho e, próximo dela há também uma representação de seu filho, que não está descrita nem no texto de Geoffrey, nem no texto que colocou em língua vernácula essa narrativa, o *Roman de Brut*. Na imagem temos, portanto, a proteção cristã a Artur, tanto através da Virgem, como de Cristo, o que reforça o aspecto do monarca como rei cristão.

O primeiro reino que conquista, de acordo com as trinta coroas que vemos na figura 1, significando os trinta reinos submetidos, é a França. Aqui também é importante mencionar que os anglo-normandos eram senhores feudais na França e reis na Inglaterra; deste modo, buscavam afirmar seu poder frente ao rei francês. Na época de composição da narrativa, o monarca era Henrique I. Mas a narrativa terá um uso bastante efetivo por seu neto, Henrique II, que inicia a Dinastia Plantageneta e se casa com a ex-esposa do rei francês Luís VII, Leonor da Aquitânia. Artur é um herói que os normandos irão valorizar para fazer frente a Rolando, personagem famoso e exímio guerreiro na *Canção* que leva o seu nome.<sup>38</sup>

O tema da coroação de Artur é bastante desenvolvido por Geoffrey em seu relato. Na narrativa, o primeiro sucede ao pai, Uther, com a idade de quinze anos, sendo coroado então pela primeira vez. Ao saber sobre o falecimento do rei Uther, os saxões invadem o território, mas Artur consegue sair vitorioso, sempre carregando um símbolo cristão, a imagem da virgem em seu escudo (figura 1),

---

<sup>37</sup> As imagens no medievo possuem as funções de comover, entreter e ensinar. Possuem vários aspectos simbólicos e estão muitas vezes relacionadas a textos escritos e outros objetos, podendo ser consideradas imagens-objeto. Sobre a imagem neste período, Cf.: BASCHET, Jérôme. **L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident medieval**. Paris: Le Leopard d'Or, 1996. Disponível via tradução de Maria Cristina Pereira. Disponível em: [https://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/jerome\\_baschet001.pdf](https://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/jerome_baschet001.pdf). Acesso em 12/10/2020. Ver também SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo das Imagens**. São Paulo: EDUSC, 2007.

<sup>38</sup> DUBY, Georges. **A Idade Média na França**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

conseguindo neste relato matar sozinho 470 saxões, em vez de 960, conforme mencionado por Nennius na *HB*. Uma segunda coroação de Artur ocorre depois, quando ele e sua esposa Guinevere são coroados com grande pompa em palácios diferentes, sendo que o local de coroação de Artur tinha tetos semelhantes ao das construções romanas.

Além da *Historia regum Britanniae*, outra narrativa a ser discutida neste artigo é um conto relacionando Artur com a figura do urso, *A Gruta onde Artur Dorme*, narrativa da cultura popular galesa, recontada pela pesquisadora Angélica Varandas, da Universidade de Lisboa.<sup>39</sup> Explicaremos mais detidamente os atributos de Artur em outro tópico. Cabe agora falarmos um pouco sobre nosso outro soberano, também ligado a Artur e à simbologia animal: D. Sebastião.

### 3. D. Sebastião e o Touro na Cultura Popular Brasileira: aspectos iniciais

D. Sebastião provém de uma figura histórica.<sup>40</sup> Foi o último rei da Dinastia de Avis. Neto de D. João III (1502-1557), os dez descendentes desse rei morreram antes de completar a idade adulta. Já o príncipe João Manuel (1537-1554), pai de D. Sebastião, morreu de diabetes juvenil (tipo 1), vinte dias antes de seu nascimento. Temendo que a princesa D. Joana da Áustria (1536-1573) perdesse a criança, ela só soube da morte do marido após o nascimento do filho, que veio a este mundo no dia de S. Sebastião (20 de janeiro) e, por isso, foi batizado com o nome do santo. D. Sebastião (1554-1578) recebeu o epíteto de “O Desejado” e esperava-se que desse continuidade aos grandes dias de glória de Portugal, iniciados com a Expansão Marítima, desde os tempos do primeiro monarca avisino, D. João I (m. 1433).

---

<sup>39</sup> **A Gruta onde Artur Dorme.** In: VARANDAS, Angélica. **Mitos e Lendas Celtas: País de Gales.** Lisboa: Livros e Livros, 2007. p. 259-262.

<sup>40</sup> Sobre D. Sebastião há ampla bibliografia. No Brasil, destacamos os estudos de HERMANN, Jacqueline. **No Reino do Desejado.** A Construção do Sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.; HERMANN, Jacqueline. **1580-1560. O Sonho da Salvação.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000; HERMANN, Jacqueline. Sementes do Messias: percursos do messianismo régio ibérico (sécs. XIV-XVI). **Mirabilia**, Barcelona, UAB, v. 21, n. 2, p. 222-241, 2015.; HERMANN, Jacqueline. Sebastianismo. In: VAINFAS, Ronaldo (dir.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808).** São Paulo: Objetiva, 2000. p. 523-526.; MEGIANI, Ana Paula Torres. **O Jovem Rei Encantado.** Expectativas do Messianismo Régio em Portugal, séculos XIII a XVI. São Paulo: Hucitec, 2003. Para estudos portugueses, citamos CRUZ, Maria Augusta L. **D. Sebastião.** Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2009; BERCÉ, Y. *Op. Cit.*

Sebastião foi separado da mãe, que depois de viúva foi enviada a seu reino de origem (a Áustria). Criado por tutores bastante católicos, seu tio, D. Henrique (1512-1580) era cardeal e pertencente ao Tribunal do Santo Ofício; e a avó, D. Catarina (1507-1578), muito devota. Desde jovem, o menino gostava de ler romances de cavalaria e era muito religioso. Em razão disso, tinha grande admiração pelo rei Artur e por Galaaz, herói virgem e sem pecados, vencedor de combates devido às suas virtudes. Este último foi o personagem central da narrativa *A Demanda do Santo Graal* e devido à sua pureza, encontrou o Santo Vaso. Outras narrativas que o influenciaram foi a *Crónica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros (1522), na qual personagens reais da história de Portugal incorporavam características de Galaaz.



Figura 2. Cristovão de Morais. **D. Sebastião**, c. 1571-1574. Museu Nacional de Arte Antiga. Lisboa. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o\\_I\\_de\\_Portugal#/media/Ficheiro:Sebasti%C3%A3o\\_de\\_Portugal,\\_c.\\_1571-1574\\_-\\_Crist%C3%B3v%C3%A3o\\_de\\_Morais.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o_I_de_Portugal#/media/Ficheiro:Sebasti%C3%A3o_de_Portugal,_c._1571-1574_-_Crist%C3%B3v%C3%A3o_de_Morais.png) Acesso em 20/09/2020

Influenciado por esses ideais, o Desejado buscou realizar um empreendimento de caráter cruzadístico, a tomada de Alcácer-Quibir dos muçulmanos, cidade localizada na África, no atual Marrocos. Para isso, pediu o auxílio de seu primo, Felipe II, rei da Espanha, o qual acabou não participando desse combate. A batalha, ocorrida em 1578, da qual vemos uma imagem a seguir,

representou um fracasso, e D. Sebastião, juntamente com a maior parte de seu exército, pereceu na peleja:



Figura 3. Representação da Batalha de Alcácer-Quibir (1578), no Marrocos.<sup>41</sup> Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c1/Lagos46\\_kopie.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c1/Lagos46_kopie.jpg) ; acesso em 20 setembro 2020.

Vemos na imagem (figura 3) o protagonismo de D. Sebastião, montado em seu cavalo e de armadura, ao segurar a lança e próximo do guerreiro muçulmano a pé, com a sua espada curva. Ao fundo, do lado esquerdo os estandartes cristãos portando a cruz e no lado oposto está estampado o crescente, símbolo dos islâmicos. Vemos também a topografia desértica, com dunas ao fundo. Esta representação possui pontos de contato nos nossos dias com a da Ilha dos Lençóis, no Maranhão, daí a lenda de que atualmente o rei está “encantado” nesta localidade (ver figura 4), conforme analisaremos adiante. Percebemos na gravura da Batalha de Alcácer Quibir (figura 3), que o exército português está prestes a ser aniquilado pelo exército muçulmano, pois há um guerreiro cristão caído no chão.

É importante lembrar que, seguindo os ideais de Galaz, D. Sebastião era ainda virgem e solteiro aos vinte e quatro anos, coisa bastante incomum na época, e mais ainda para um reino que dependia de herdeiros masculinos para sua continuidade.

---

<sup>41</sup> Esta gravura consta na obra *Miscelânea*, de Miguel Leitão de Andrade, publicada em 1629.

Dois anos após sua morte, Portugal foi anexado à Espanha na chamada União Ibérica (1580-1640). A população do reino português, descontente com a situação e inspirada pelas trovas (proibidas) de um sapateiro de Trancoso, chamado Bandarra, sobre um rei oculto que traria novos tempos de felicidade, passou a acreditar que D. Sebastião não havia morrido, mas que iria voltar.

Foi então que surgiu o mito do Encoberto. O rei, acreditava-se, envergonhado por haver perdido a batalha, estaria escondido e retornaria um dia, continuando o seu reinado e trazendo de volta a importância do reino, obtida no período áureo das Grandes Navegações.

Essas crenças viajaram de Portugal ao Brasil. Ao chegar a Pindorama pelos colonizadores portugueses, adaptaram-se no tempo, fundindo-se com crenças ameríndias e africanas, relacionadas a figuras encantadas. Nos períodos colonial, imperial e mesmo no início da República, D. Sebastião passou a significar no Brasil aquele que traria uma vida melhor para os pobres, através da fartura, riqueza e justiça.<sup>42</sup>

No Maranhão, a tradição oral diz, até os dias atuais, que D. Sebastião, após sua derrota no Marrocos, dirigiu-se à Ilha dos Lençóis, no Maranhão, local distante e de difícil acesso no município de Cururupu, o qual possui uma topografia parecida com a da localidade africana, por suas dunas e um sol muito intenso, semelhante àquele do deserto., como podemos observar na imagem a seguir:

---

<sup>42</sup> Para estudos sobre movimentos messiânicos no Brasil e sua relação com D. Sebastião, cf. notas 71 e 72.





Figura 4. Ilha dos Lençóis, Maranhão. Foto de Gabriel Castaldi, 2010.  
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c7/Encalhado.jpg>

Lá o rei está, segundo a cultura popular, encantado até hoje na forma de um touro negro, com uma estrela branca na testa (Figura 5) e, nas noites de lua cheia, o touro corre pelas areias, muitas vezes chegando a engravidar as moças. Destacamos o fato de que o local é ainda hoje bastante pobre, cuja energia elétrica é fornecida por meio de geradores. A maior parte das pessoas ali vive da pesca e é de origem albina (cerca de 30%), daí a ideia de que são os Filhos da Lua, os filhos de D. Sebastião. No mais, possuem a tez curtida pelo sol e costumam morrer cedo, muitas vezes de câncer de pele. O rei também é “recebido” como entidade, tanto nos cultos africanos dos Lençóis, quanto em outros terreiros no Maranhão. Vemos a seguir a figura do touro/boi durante os festejos juninos anuais em São Luís e em outras localidades do estado:



Figura 5. **Boi na Festa de São João**, caracterizado como um touro negro com uma estrela brilhante na testa.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bumba\\_meu\\_boi\\_do\\_Maranh%C3%A3o#/media/Ficheiro:Bumba\\_meu\\_boi\\_-\\_Maranh%C3%A3o,\\_Brasil.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bumba_meu_boi_do_Maranh%C3%A3o#/media/Ficheiro:Bumba_meu_boi_-_Maranh%C3%A3o,_Brasil.jpg); acesso em 20 setembro 2020.

O destaque na imagem é além da estrela, o “couro” do boi. Cada grupo folclórico do Maranhão produz anualmente e em segredo uma bordadura para ser exibida durante os festejos juninos. Normalmente um padre ou um diácono benze o “boi” (a bordadura) antes do festejo; outras vezes são os próprios brincantes que fazem a cerimônia do “batismo”, o que mostra a união entre cultura popular e religiosidade cristã.

Voltando a D. Sebastião, acredita-se que um dia a estrela na testa do touro será atingida por alguém de grande coragem e que o animal voltará a ser humano. E assim, os pobres ficarão ricos com a ascensão da corte de Queluz, do rei Sebastião, a qual se encontra no fundo do mar.<sup>43</sup> Ao mesmo tempo, a capital do estado do Maranhão, São Luís, irá submergir, com a ascensão do reino sebastiânico.

Observa-se assim que os reis Artur e Sebastião ligam passado e presente, Europa, África e Brasil, bem como estão relacionados a animais vinculados à

---

<sup>43</sup> BRAGA, Pedro. **O Touro Encantado na Ilha dos Lençóis**. O Sebastianismo no Maranhão. Petrópolis: Vozes, 2001. Para a utilização do mito de D. Sebastião nas escolas, Cf.: ZIERER, Adriana. D. Sebastião, O Encantado, no Maranhão: uma ferramenta para a reflexão histórica no Ensino Básico. In: CAMÊLO, Júlia; MATEUS, Yuri Alhadef. (orgs.). **História do Maranhão na Sala de Aula: formação, saberes e sugestões**. São Luís: Eduema, 2019. p. 101-119.

virtude da força e da abundância, conforme explicaremos com mais detalhamento a seguir, quando tratarmos das simbologias dos animais.

Estaríamos nós tão distantes das reminiscências medievais no Brasil ou, ao contrário, estamos imbuídos destas?<sup>44</sup>

#### 4. AS SIMBOLOGIAS ANIMAIS NO MEDIEVO

##### 4.1 O Urso

Um dos principais elementos de Artur nas fontes latinas é seu aspecto guerreiro. Conforme já mencionado, na *Historia Brittonum* (c. 800), de Nennius, ele matou sozinho 960 saxões e é descrito como um *dux bellorum*, isto é, um chefe guerreiro. Já na *Historia regum Britanniae* (c. 1135-1138), de Geoffrey de Monmouth, Artur é um rei cristão invencível e expansionista que chega a derrotar o Império Romano e a submeter 30 reinos ao seu poder. Essa força guerreira está associada na *Historia regum Britanniae* à simbologia de dois animais, o urso e o dragão. O nome Artur vem de *arth*, que em galês significa “urso” e está relacionado a divindades celtas associadas a esse animal.<sup>45</sup> Além disso, Artur vincula-se às constelações do hemisfério norte, a Ursa Maior e Menor, conhecidas como **cerbyd Arthur** (“Carro de Artur”).

O urso está relacionado ainda ao poder temporal em oposição simbólica ao javali, representante do poder espiritual, associado aos druidas. Daí, em Kulwch e Olwen, narrativa do *Mabinogion*, ocorrer uma caça ao javali realizada pelo mesmo

---

<sup>44</sup> Para o conceito de *reminiscências medievais*, tomam-se como base as ideias de Macedo: “Por ‘residualidades medievais’ ou ‘reminiscências medievais’ devem-se entender justamente as formas de apropriação dos vestígios do que um dia pertenceu ao medievo, alterados e/ou transformados no decurso do tempo. Nesta categoria encontram-se, por exemplo, as festas, os costumes populares, as tradições orais de cunho folclórico que remontam aos séculos anteriores ao XV e que preservam algo ainda do momento em que foram criados, mesmo tendo sofrido acréscimos, adaptações, alterações”. MACEDO, José Rivair. Sobre a Idade Média Residual no Brasil. In: \_\_\_\_\_. (org.) **A Idade Média Portuguesa e o Brasil**. Porto Alegre: Vidrágua, 2011. p. 13.

<sup>45</sup> Sobre a relação a simbologia do urso e a relação entre Artur e este animal, Cf.: PASTOUREAU, Michel. **L'Ours. Histoire d'un Roi Déchu**. Paris: Seuil, 2007.; *Idem*. **Una Historia Simbólica de la Edad Media Occidental**. Buenos Aires: Katz, 2006.; WALTER, Philippe *L'ours déchu: Arthur dans la Demanda do santo Grial. Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales*. n. 25, p. 319-328, 2002; BARBOSA, Pedro Gomes. Sua Majestade, o urso. In: SILVA, Carlos Guardado (coord). **O imaginário Medieval**. Torres Vedras: Colibri/Fac. Letras da Univ. Lisboa, 2014. p. 9-15.; CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995. p. 924-925.

rei (ou seja, o poder temporal, representado simbolicamente por Artur/Urso, em oposição ao poder espiritual representado pelo druida ou feiticeiro Yspaddaden Penkawr).

No caso dos celtas, o urso é o símbolo dos guerreiros. Este radical está associado a Artur, que na *Historia regum Britanniae* (século XII) é capaz de vencer todos os seus oponentes em combate singular, além de enfrentar e vencer dois gigantes.

Na imagem a seguir, vemos a luta entre Artur e um gigante (figura 6):



Figura 6. **Artur derrota o gigante do Monte S. Michel.** Final do Século XII. Manuscrito da *Historia Regum Britanniae*. Ms. 880, f. 66v. Bibliothèque Municipale. Douai. Disponível em: <http://expositions.bnf.fr/arthur/grand/011.htm> Acesso em 20 setembro 2020.

Na imagem, vemos o rei, que se encontra no interior da letra D, uma letra capital iluminada que inicia o manuscrito, com a frase “*Defuncto igitur Utherpendragon*” (Então, depois da morte de Utherpendragon...).<sup>46</sup> Tanto o monarca quanto o monstro estão sentados, suas figuras pintadas em tons verdes no manuscrito original, parecendo estar numa espécie de círculo. Artur golpeia a cabeça do gigante com a mão esquerda e na mão direita segura uma espada (Excalibur), símbolo do poder régio. A arma está no pescoço do monstro, próxima de cortá-lo, mostrando a superioridade de Artur, embora o oponente seja muito maior fisicamente. Em suma, assemelha-se ao combate bíblico entre Davi e Golias.

<sup>46</sup> ZIERER, Adriana. O Rei Artur e sua Apropriação na Longa Duração, do Rei Afonso III, de Portugal a D. Sebastião, o Desejado. **Revista Graphos**, v. 17, n. 2, p. 74-90, 2015. p. 77.

O gigante segura uma arma rústica, uma clava, mas não tenta atingir o rei, o que parece indicar que foi dominado pelo primeiro. Podemos inferir pela imagem que o rei Artur venceu o oponente. Este último possui, por sua vez, feições animais, aproximando-se de uma figura demoníaca, devido à expressão estranha, disforme e ao seu esgar. Em volta da letra, vemos escrito em latim os dizeres “*Artur rex*”, referente ao rei Artur, e *gigas* (“gigante”), atribuído à criatura.

O nome Artur está ainda ligado aos significados de *ar* (“trabalhador”, em indo-europeu) e *arta* (“ordem”, proveniente do sânscrito), vinculando-se a uma espécie de divindade indo-europeia, simbolizada por um Deus Agricultor e Caçador, garantidor da prosperidade.

Na Grécia Antiga, o urso também está associado à força, especialmente vinculado à Deusa Ártemis (*árktos*: ursa), Deusa da Caça e símbolo da fertilidade para as mulheres, animais e vegetais, associada à fecundidade feminina.<sup>47</sup> O santuário de Brauron, em Atenas estava relacionado, assim como Artur, à constelação da Ursa Maior. Devido a sua importância eram realizadas periodicamente festas dedicadas a esta deusa nas quais as meninas vestiam o *krokwótós* (túnica imitando a pelagem da ursa), visando a prepará-las para a maternidade e para ter vários filhos.

Na Europa celta e germânica, o culto ao urso é realizado desde tempos remotos. É considerado o rei dos animais e próximo do homem por ser um dos únicos a ficar de pé. O urso está ainda associado ao nome de determinadas cidades, como Berlim, na atual Alemanha, e como Berna, na Suíça, onde há uma escultura da Deusa *Artio*, como pode ser visto a seguir (figura 7):

---

<sup>47</sup> THEML, Neyde. As Meninas Ursas: Festa de Integração Social. In: LESSA, Fábio de Souza; BUSTAMANTE, Regina M. da Cunha. **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad/SBEC, 2005. p. 263.



Figura 7. **Deusa Artio em sua forma de ursina e humana.** Museu de Berna, Suíça. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Artio#/media/Ficheiro:HMB - Muri statuette group - Artio.jpg>; acesso em 20 setembro 2020.

Em oposição ao leão, o urso é nativo de diversas regiões da Europa Ocidental, representa a selvageria, força e violência, além de uma forma de resistência cultural ao cristianismo, sendo cultuado em festas e rituais pagãos.<sup>48</sup> Por isso, a Igreja combateu o culto ao urso e o substituiu gradativamente pelo leão no Ocidente, proveniente da cultura escrita.

Enquanto na Bíblia, o leão é visto de forma ambígua, possuindo elementos tanto positivos como negativos, o urso é visto de forma pejorativa e associado ao diabo. Santo Agostinho e outros pensadores viam o urso como representação diabólica. Estabelece com os seres humanos relações violentas e as vezes carnis. Há várias histórias de mulheres raptadas por ursos, como por exemplo a de João, o Urso, filho de um enlace entre uma mulher e o respectivo animal. Ele é um ser meio-humano e meio-animal, associado ao aspecto selvagem e mesmo diabólico atribuído a este. Em narrativas mais antigas, assusta os humanos por sua feiura e acaba realizando o mal involuntariamente, devido a sua força excessiva. Em outros

---

<sup>48</sup> PASTOUREAU, Michel. **Una Historia Simbólica de la Edad Media Occidental.** Buenos Aires: Katz, 2006. p. 66

relatos, é associado a um mouro, conseguindo a redenção pelo amor de uma mulher e por sua mãe.

No que tange, por sua vez, aos atributos positivos do urso não em menor número são as fontes de que dispomos. Em uma narrativa de origem germânica composta no século IX chamada *Waltharius*, o urso está associado ao herói que dá nome ao poema.<sup>49</sup> Para os vikings, por exemplo, o uso da pele de animais pelos *berserkers* os levava a acreditar que assumiriam a força do urso, garantindo-lhes a vitória nos combates.<sup>50</sup>

Nesta obra, o germânico Hagen, apresentado como um rei fraco, tem um sonho premonitório. Nele, um urso havia lhe dado uma patada e lhe arrancado um olho, parte do rosto e seis dentes. O sonho funciona como uma antecipação ao ouvinte-leitor das ações que ocorreriam no desfecho do poema.

Assim, a associação de Valtário com o urso no sonho de Hagen ligava o primeiro ao atributo da força e da invencibilidade, relacionada a divindades celtas, germânicas e gregas. O sopro misterioso do urso provém da caverna, como expressão da obscuridade e está ligado à simbologia lunar (Ártemis, relacionada à lua) e noturna, bem como às paisagens internas da terra mãe.<sup>51</sup> É interessante observar no poema a integração dos três elementos: a caverna, o tesouro e o urso, todos eles relacionados ao herói.

Na *Historia regum Britanniae*, Artur também tem um sonho com um urso.<sup>52</sup> Para aquele, o animal seria o Imperador de Roma, Lúcio Hibério, que o desafiara.

---

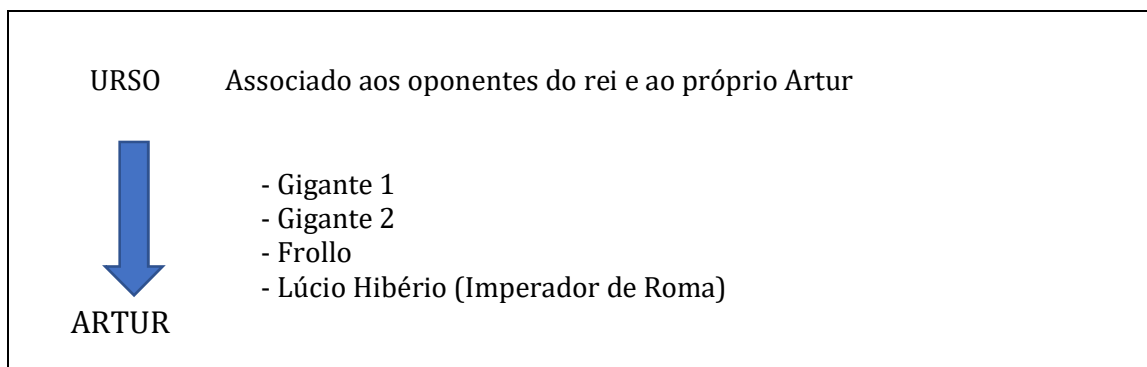
<sup>49</sup> Sobre esta obra, ver o excelente estudo introdutório de FLORIO, Rubén. Estudio Introductorio. **Waltharius**. Madrid: Bellaterra/Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Universidad Autònoma de Barcelona, Nueva Roma 17, p. 17-74, 2002. Neste sentido, ver também FRANCO Jr., Hilário. Valtário e Rolando: Do Herói Pagão ao Herói Cristão. In: \_\_\_\_\_. **A Eva Barbada**. Ensaios de Mitologia Medieval. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 159-172; ZIERER, Adriana. **Da Ilha dos Bem Aventurados**, uma outra viagem pela Idade Média. São Luís: Ed. UEMA/Apoio FAPEMA, 2013.p. 331-346.

<sup>50</sup> LIBERMAN, Anatoly. *Berserkir*: A Double Legend. **Brathair**. Revista de Estudos Celtas e Germânicos, São Luís, (UEMA), 4 (2), p. 97-101, 2004.

<sup>51</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora 1995. p. 924-925.

<sup>52</sup> “Em sonho, viu um urso voando, cujos bramidos faziam tremer todas as margens. [Viu] também um aterrorizante dragão que, voando do Ocidente, iluminava aquelas terras com o fulgor de seus olhos. Ao se encontrarem, deu-se início a um assombroso combate. **O dragão, porém, consumiu**

Outros interpretam nesse relato o urso como sendo um gigante contra quem Artur lutaria e venceria (ver figura 6). Acreditamos que o urso no sonho está associado aos oponentes do rei e ao próprio Artur. No mesmo sonho, Artur é também associado ao dragão, figura que analisaremos adiante. A seguir um esquema, relacionando Artur e o urso com os seus inimigos (**Esquema 1**):



Ao longo da narrativa, o monarca vence não somente os pagãos – populações de origem celta, os pictos e escotos, como já mencionado –, mas também o gigante do Monte São Michel (gigante 1) (figura 6), que havia matado Helena, sua sobrinha, filha de um parente seu chamado Hoel. Um segundo gigante abatido pelo rei foi Rithon, que colecionava barbas de reis, ou seja, um assassino de monarcas (gigante 2).

Todos esses combates são disputas individuais de Artur contra algum inimigo nas quais o rei dá provas de seu valor nas armas. Além desses oponentes, um cônsul romano da Gália, Frollo, vai à corte arturiana e desafia Artur. Buscando evitar a guerra e confiando em sua força física – sendo descrito como mais alto e forte que Artur e, portanto, associado também aos gigantes –, Frollo chama o rei para um combate singular. Vemos aqui uma imagem dessa luta, num manuscrito do século XIV (Figura 8):

---

**com suas chamas o urso que o atacava sem cessar e lançou-o à terra tomado pelo fogo”** (*Sopitus etiam per sompnum uidit ursum quendam in aere uolantem, cuius murmure tota littora intremebant; terribilem quoque draconem ab occidenti aduolare, qui splendore oculorum suorum patriam illuminabat; alterum uero alteri occurrentem miram pugnam committere, sed praefatum draconem ursum saepius irruentem ignito anhelitu comburere combustumque in terram prosternere*) (HRB 164). Marcas nossas.





Figura 8. Combate entre Artur e Frollo. *Roman de Brut*. BNF, Manuscrits, Français 1454, fol. 72. Disponível em: [http://expositions.bnf.fr/arthur/grand/fr\\_1454\\_072.htm](http://expositions.bnf.fr/arthur/grand/fr_1454_072.htm).

Na imagem, dois cavaleiros lutam com espadas, sem que possamos identificar com clareza seus tamanhos. Artur segura-a com a mão direita. A arma está próxima da cabeça do inimigo. Artur, descrito como um leão feroz por Geoffrey, atinge Frollo e corta a sua cabeça.

Por fim, o Imperador Lúcio Hibério manda uma comitiva, para exigir que Artur submeta-se a Roma e pague impostos. Artur então deixa o reino aos cuidados de seu sobrinho Mordred. Em seguida, dirige-se ao encontro do imperador e o mata. A vitória sobre o Império Romano busca mostrar a superioridade incontestável do poder do rei Artur. O relato compara a ação de Artur contra os romanos com a figura do leão: “todos fugiam dele como bestas diante de um leão feroz e cruelmente faminto que devorava tudo a sua passagem”.<sup>53</sup>

No entanto, quando ia assumir o trono em Roma, recebe a notícia que seu sobrinho, Mordred, havia o traído, em concordância com a esposa do rei, Guinevere, usurpando o poder na Bretanha. Artur retorna, entra em combate contra Mordred e o mata. Quanto ao rei, é ferido mortalmente, sendo levado por Morgana e outras fadas para a Ilha de Avalon, a fim de curar seus ferimentos. Segundo Geoffrey:

---

<sup>53</sup> GEOFFREY DE MONMOUTH. *Historia Regum Britanniae (HRB) (Histoire des Rois de Bretagne)*. Traduite et commenté par Laurence Mathey-Maille, 1993, p. 251.

*Sed et inclutus ille rex Arturus letaliter vulneratus est, qui, illinc ad sananda vulnera sua in insulam Avallonis evectus, Constantino, cognato suo et filio Cadoris, ducis Cornubiae, diadema Britanniae concessit, anno ab Incartione Domini DXLII* <sup>54</sup>.

Este tema da traição de Mordred, visto como filho ou sobrinho de Artur, é um *topos* que observamos, provavelmente pela primeira vez na *Historia regum Britanniae*, e se repete em várias narrativas arturianas, bem como o transporte de Artur para Avalon, a Ilha das Maçãs, terra da abundância e da imortalidade, sede do Outro Mundo celta, de onde não se sabe quando o rei vai voltar. É importante destacar que os normandos através da *HRB* se apresentam como os continuadores de Artur. Por isso, o encontro dos túmulos de Artur e Guinvere na abadia de Glastonbury em 1191, dois anos após a morte do rei Henrique II Plantageneta se insere no processo de afirmação do domínio dos anglo-normandos na Inglaterra.

O fato de Artur dirigir-se para o Outro Mundo Celta também o relaciona com o urso, na medida em que, durante o inverno, os ursos hibernam ou ficam “adormecidos”, tal como teoricamente, ocorreria com o rei. A própria palavra hibernar vem do latim *hibernare*, que significa “passar o inverno”. Artur está associado a este aspecto do urso, por estar de certa forma adormecido, após a Batalha de Camlam. Em algumas tradições, o monarca estaria aguardando a sua cura numa caverna ou mesmo num vulcão, mais especificamente o Etna, na Sicília, de acordo com Gervais de Tilbury, numa coletânea de histórias chamada *Otia Imperialia*, do século XIII.<sup>55</sup>

Como mencionamos, Angélica Varandas compilou uma narrativa do País de Gales, intitulada *A Gruta onde Artur Dorme*, na qual, mais uma vez, podemos associar o rei Artur ao urso. Nesse relato com data incerta, Artur aparece como uma espécie de figura real ou imperador do Outro Mundo, que dorme numa

---

<sup>54</sup> Além disso, também o ilustre rei Artur foi mortalmente ferido. Ao ser levado à ilha de Avalon para curar seus ferimentos, concedeu então a seu parente Constantino – filho de Cador, duque da Cornualha – a coroa da Bretanha, no ano da Encarnação do Senhor de 542. FARAL, *HRB*, 1929, III, p. 378.

<sup>55</sup> GRAF, Arturo. Artú nel’Etna. **Miti, leggende e superstizioni del Medio Evo**. Torino: Ermanno Loescher, v. II, p. 303-335, 1893.

caverna e protege tesouros. Há ainda nos dias atuais uma localidade chamada a Caverna do Rei Artur (*King Arthur's Cave*), gruta localizada em Herefordshire, na Inglaterra.

Ainda no conto *A Caverna onde Artur dorme*, há uma gruta onde Artur está próximo de dois montes, um de prata e outro de ouro. A gruta se localiza em Gales, e um jovem é levado para lá por um feiticeiro. Os guerreiros dormem em círculo, bem como os cavalos. Em volta da tábua redonda, estão os principais cavaleiros de Artur: Kai, Gwalchmei e Tristan.

Quanto ao rei, Artur é descrito no relato como uma figura imponente, que dorme sentado em seu trono de ouro. Percebemos aqui dois elementos importantes: o ouro, associando Artur a riquezas e abundância, e o trono, um dos objetos que simbolizam o poder régio. O jovem, por haver encontrado a caverna, recebe o direito de ir até lá duas vezes para retirar as suas riquezas. No entanto, o rapaz não respeita o interdito e vai à gruta uma terceira vez. Neste momento, todos acordam, mas Artur restabelece a ordem.

A figura do rei Artur está nessa narrativa imbuído de suas características centrais: é o garantidor do poder e da ordem correta do universo. Também representa a justiça e está ligado à força do urso, além de ser um representante da imortalidade e da abundância ao guardar tesouros. Vejamos a seguir outro animal também guardador de tesouros e com uma força sobrenatural também associado ao rei Artur: o dragão.

## **4.2 O Dragão**

O dragão é um animal com simbolismo ambivalente. Está associado a diversos répteis, como a serpente e o crocodilo. O fato de trocar de pele relaciona-o com o simbolismo da regeneração. Em várias culturas, ele é um guardião de tesouros ocultos e para se ter acesso a eles, deve ser eliminado.

É o caso por exemplo da *Nibelungenlied* (a *Canção dos Nibelungos*), na mitologia germânica. Ali é derrotado pelo herói Siegfried, que se apossa do tesouro guardado pela criatura e se banha no seu sangue, obtendo assim a invulnerabilidade. Esse tesouro, porém, guarda uma maldição, que posteriormente

acarretará a morte do herói.<sup>56</sup> Em *Tristão e Isolda*, este mata o dragão e é ferido pelo mesmo, mas salvo por Isolda, o que dá início ao amor dos dois, o qual, por sua vez, terá um desfecho trágico.

Outro embate entre um herói e o dragão ocorre em *Beowulf*, obra anglo-saxã do século X. O protagonista que dá nome à narrativa é uma transição entre o herói cristão, exemplificado pela figura de Galaaz e o herói pagão. Beowulf já apresenta características cristãs, como a coragem e a prontidão para ajudar os que necessitam do seu auxílio. Além disso, sacrifica-se por seu povo para matar o dragão, o que demonstra a sua generosidade. Embora busque a glória pessoal, também possui lealdade e altruísmo, que fazem parte da virtude da *caritas*, tal como definida por São Paulo.<sup>57</sup>

O dragão é um animal aquático, terrestre (subterrâneo) e celeste ao mesmo tempo por sua habilidade de voar. Está associado ao raio (cospe fogo), atributo dos deuses e à fertilidade: traz a chuva. Simboliza as funções régias e os rituais da vida que garantem a ordem e a prosperidade no Oriente, sendo um emblema do Imperador na China<sup>58</sup>.

O cristianismo possui principalmente um viés negativo acerca do animal. Relaciona-se à serpente que tentou Eva e a levou a cometer o pecado original. No *Apocalipse de S. João*, o grande opositor de Deus, Satã, é descrito como “um grande dragão cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres”.<sup>59</sup> Igualmente, São Jorge derrota o dragão, símbolo do paganismo e do mal. Por isso, há uma ampla iconografia do

---

<sup>56</sup> Sobre as aventuras de Siegfried na mitologia germânica, Cf.: **A Canção dos Nibelungos. (Das Nibelungenlied)**. Tradução de Luís Krauss. São Paulo: Martins Fontes, 1993. **Sagas Islandesas. Saga dos Volsungos**. Organização e Tradução de Théo Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009. BEHEIM-SCHWARZBACH, Martin. **Sagas de Heróis e Cavaleiros. Mitos Germânicos**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, v. 1.

<sup>57</sup> VARANDAS, Angélica. O Rosto do Herói Medieval: Beowulf e Gawain. **Brathair**. Revista de Estudos Celtas e Germânicos, v. 10, n. 2, p. 42-44. Ainda sobre a relação entre Beowulf e o dragão, Cf, *Idem*. O Dragão: (pre) figurações de Debate em *Beowulf*. **Anglo-saxónica**. Revista do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa. Lisboa, série II, n. 10/11, p. 311-336, 1999.

<sup>58</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995. p. 350.

<sup>59</sup> **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo, Paulus, 1995, Ap. 12, 3-4.

dragão sendo pisoteado por São Jorge, São Miguel e por Cristo, representando a vitória do bem.<sup>60</sup>

No entanto, mesmo no cristianismo, por vezes se aceita um aspecto positivo deste animal, relacionado à fertilidade. Nas procissões da Tarasca, festa realizada na França e em outras localidades da Idade Média Central, uma serpente de palha era confeccionada e se colocava na sua boca pedacinhos de comida, visando a garantir a prosperidade.<sup>61</sup>

Inicialmente um dos estandartes da cavalaria romana, *draco*, torna-se o símbolo da bandeira dos ingleses na época de Henrique VII, da Dinastia Tudor após este haver derrotado Ricardo III de York. Nas narrativas arturianas, o dragão possui uma simbologia ambivalente. Na *Historia Brittonum* de Nennius, Merlin, ainda criança, explica que o motivo de uma torre cair sempre era o fato de haver dois dragões lutando em baixo da terra, um branco e um vermelho. O dragão branco, segundo Nennius, vencia o vermelho, prognóstico de que os bretões seriam dominados pelos saxões. A narrativa é recontada por Geoffrey na *Historia regum Britanniae* e por Wace no *Roman de Brut*. Sobre a invasão saxã, lê-se em Nennius: “As duas serpentes são dois dragões; a serpente vermelha é o teu dragão, mas a branca é o dragão do povo que ocupa muitas províncias e distritos da Bretanha, mesmo de mar a mar. [...] nosso povo deveria levantar-se e afastar a raça saxã para além do mar [...]”.<sup>62</sup> Vemos a seguir (figura 9) uma representação da luta entre os dois dragões:

---

<sup>60</sup> Sobre o dragão sendo derrotado por São Jorge, um exemplo é *São Jorge e o Dragão* (1456), de Paolo Uccello (National Gallery, Londres). A imagem está reproduzida, por exemplo, em ECO, Humberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 153.

<sup>61</sup> LE GOFF, Jacques. Cultura Eclesiástica e Cultura Folclórica na Idade Média: São Marcelo e o Dragão de Paris. In: \_\_\_. **Para um Novo Conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1980. p. 221-261.

<sup>62</sup> NENNIUS. História dos Bretões. Trad., apresentação e notas de Adriana Zierer. In: COSTA, Ricardo (Org.). **Testemunhos da História. Documentos de História Antiga e Medieval**. Vitória: EDUFES, 2002, p. 237.



Figura 9. Robert Wace. *Roman de Brut*. **Vortigern, o Dragão Vermelho e o Branco e a Torre:** [https://it.wikipedia.org/wiki/Roman\\_de\\_Brut#/media/File:Roman\\_de\\_Brut\\_-\\_Vortigern\\_Tower.jpg](https://it.wikipedia.org/wiki/Roman_de_Brut#/media/File:Roman_de_Brut_-_Vortigern_Tower.jpg)

Este episódio, narrado inicialmente por Nennius, é recontado na *Historia regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth. Vemos na figura 9 a representação dos dois dragões ao lado de uma torre, que caía todas as vezes que era construída, sendo que os magos do rei não conseguiam descobrir o motivo disso. É Merlin que explica o razão de a torre cair continuamente, ou seja, a luta dos dois dragões debaixo da terra. Na imagem, os dois répteis se enfrentam. Uma seta sai de cada uma de suas bocas, representando o fogo. Perto deles, acham-se a torre e o rei Vortigern, a quem tinha sido revelado por Merlin, ainda criança, o motivo de a construção tombar.

Descrita por Nennius, Geoffrey de Monmouth e Robert Wace, encontramos a luta entre os dragões ainda num relato galês, o *Llud e Llewelys*, que consta do *Mabinogion*. Neste, o dragão vermelho representa a população de origem céltica, e o dragão branco simboliza os saxões invasores. Esses dois dragões ficam bêbados com hidromel e são, segundo o conto, enterrados no centro de uma ilha da Bretanha, em Oxford, num cofre de pedra. A ilha não sofreria invasão enquanto essas feras não fossem descobertas, mas vemos que na *Historia Brittonum* – e em outros relatos – foi encontrado o local onde estariam, o que parece justificar no imaginário o motivo da dominação dos saxões sobre os bretões. Na *Historia regum Britanniae*, o pai de Artur é Utherpendragon (pen = cabeça), em virtude do aparecimento de uma estrela com uma bola de fogo no céu, está relacionado à

figura de um dragão. Com as previsões de Merlin, Uther mandou fabricar símbolos do dragão:

[...] *jussit fabricari duos dracones ex auro ad similitudinem draconis quem ad radium stellae inspexerat. [...] Ab illo itaque tempore vocatus fuit Utherpendragon, quod brittanica lingua caput draconis sonamus. Iccirco hac appellationem acceperat, quia Merlinus eum per draconem in regem prophetaverat.*<sup>63</sup>

É importante salientar que o dragão vermelho, desde 1953 passa a estar estampado na bandeira do País de Gales, o que mostra esse vínculo entre o dragão vermelho e a população da antiga Bretanha:



Figura 10. Bandeira do País de Gales na atualidade. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Flag\\_of\\_Wales#/media/File:Flag\\_of\\_Wales\\_\(1959%E2%80%93present\).svg](https://en.wikipedia.org/wiki/Flag_of_Wales#/media/File:Flag_of_Wales_(1959%E2%80%93present).svg); Acesso em 20/09/2020

O branco e verde da bandeira são símbolos dos Tudor. Foi usada pelo rei Henrique VII na Batalha de Bosworth (1485), uma das principais batalhas da Guerra das Duas Rosas (guerra civil britânica entre as casas de York e Lancaster). Desde então, o dragão vermelho foi usado como protetor do brasão real da família Tudor (no poder da Grã-Bretanha entre 1485 e 1603), representando a ascendência galesa. Mas podemos perceber que o dragão vermelho como símbolo dos galeses aparece em várias narrativas anteriores.

---

<sup>63</sup> “[...] ordenou que fossem feitos dois dragões de ouro à semelhança do dragão que vira na cauda do cometa. [...] E assim, dali em diante, foi chamado de Uther Pendragon, que significa ‘cabeça de dragão’ em língua bretã. Recebera este nome, porque Merlin, por meio do dragão, profetizara que ele se tornaria rei”. O texto latino é aquele de FARAL, Edmond. **La Légende Arthuriene** – Textes et Documents. Paris: Honoré Champion, 1929, p. 219.

O dragão é mencionado como um dos armamentos de Artur, que leva nas batalhas o estandarte com a imagem desse animal, bem como, possui um elmo de ouro no qual a figura do dragão está gravada. Segundo a *Historia regum*:

*Ipsa vero Arturus, lorica tanto rege digna indutus, auream galeam simulacro draconis insculptam capiti adaptat, humeris quoque suis clypeum vocabulo Pridwen, in quo imago sanctae Mariae Dei genitricis inpicta ipsam in memoriam ipsius saepissime revocabat. Accinctus etiam Caliburno, gladio optimo et in Insula Avallonis fabricato, lancea dexteram suam decorat, quae nomine Ron vocabatur: haec erat ardua lataque lancea, cladibus apta.*<sup>64</sup>

Portanto, vemos elementos guerreiros associados a Artur e sua vinculação ao paganismo tanto com a associação ao dragão, estampado em seu elmo, quanto através de sua espada, Caliburn, mais tarde conhecida como Excalibur, feita esta na Ilha de Avalon, sede do Outro Mundo Céltico. Ao mesmo tempo, tal como em Nennius e como vimos na figura 1, o rei porta um escudo com a imagem da Virgem Maria que o protegia nas batalhas.

A sua invencibilidade nos seria revelada no relato de Geoffrey de Monmouth pelo fato de nunca perder nenhuma batalha, chegando a matar dois gigantes, conforme vimos no *Esquema 1*. Tanto o urso como o dragão – e mesmo o leão, citado em alguns trechos da narrativa – garantem a invencibilidade guerreira do rei Artur. E além disso, os significados do urso e do dragão estão associados à abundância e à imortalidade, dois elementos do rei.

Podemos observar a seguir Artur com o estandarte do dragão (figura 11):

---

<sup>64</sup> “Artur, equipado com uma couraça digna de tão importante rei, leva na cabeça um capacete dourado, com a figura de um dragão. Nos ombros, [carrega] seu escudo chamado *Pridwen*, onde há uma imagem de Santa Maria, Mãe de Deus [...]. Também porta *Caliburn*, formidável espada forjada na ilha de Avalon. Adorna sua mão direita uma lança chamada *Ron*: longa, larga e pronta para dizimar”. *Ibid.*, *HRB*, cap. 146-147, p. 233.





Figura 11. **Rei Artur em combate contra os bárbarots, com o estandarte do dragão.** Século XIV. Biblioteca Nacional de France. In: ROLLESTON, T.W. *Guia Ilustrado de Mitologia Céltica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 125.

Nesta imagem, observamos dois exércitos que se enfrentam montados em seus cavalos, portando armaduras, escudos e armamentos. No grupo situado à esquerda, no qual se destaca o estandarte com a imagem do dragão, um cavaleiro está em posição ativa, atingindo com sua espada o cavaleiro do grupo da direita. Esse estandarte representa o exército arturiano e o protagonismo pertence ao soberano. Quanto ao cavaleiro atingido pela espada de Artur, sua cabeça pende para trás e se corpo se dobra. A impressão é de derrota e provavelmente, morte. Vemos assim, mais uma vez, o destaque ao papel guerreiro do rei da Grã-Bretanha.

Ainda sobre a importância do dragão, numa das passagens do texto de Geoffrey de Monmouth surge um astro que se associa ao dragão, numa espécie de previsão sobre Artur:

*[...] apparuit stella mirae magnitudinis et claritatis, uno radio contenta. Ad radium vero erat globus igneus, in similitudinem draconis extensus, et ex ore ejus procedebant duo radii, quorum unus longitudinem suam ultra gallicana climata videbatur extendere, alter vero versus Hybernicum mare vergens in septem minores radios terminabatur.*<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> “[...] surgiu então um cometa de tamanho e claridade assombrosos, possuidor de um único raio [de luz]. Junto à sua cauda, havia um globo em chamas que, estendendo-se, tinha a aparência de um dragão. Da boca da criatura, projetavam-se dois raios: um deles parecia estender-se para além da Gália; o outro voltava-se ao mar ibérico, dividindo-se por fim em sete raios menores”. *Ibid.*, HRB, cap. 132-133, p. 217.

Podemos observar que a previsão a partir dos raios do dragão – os quais se estendem além da região da Gália e da Irlanda – está relacionada a Artur, que dominou muitos reinos e deu muitas vitórias aos bretões.

Até aqui vimos a relação de Artur com as simbologias do urso e do dragão, isto é, com a força, invencibilidade e abundância. Vejamos agora a figura do touro e sua relação com D. Sebastião.

### 4.3. O Touro

Também o touro está ligado à ideia de força, relacionando-se, por exemplo, ao deus El, representado por uma estatueta de bronze. No *Rig Veda*, ele é Rudra e, devido a seu sêmen, fertiliza a terra.<sup>66</sup> É um símbolo de fertilidade também no Egito Antigo, através do touro Ápis. Está ainda associado à tempestade, à chuva e à lua. Na narrativa mitológica de origem irlandesa intitulada *Táin Bó Cuailnge (A Razia das Vacas de Cooley)* há uma disputa entre a rainha Medb de Connaught, que roubou o touro do reide Ulster, Conchobar.<sup>67</sup> Há uma luta entre o touro branco e o castanho. A luta representa a luta pela soberania guerreira.

Pode-se afirmar que há no touro, todas as ambivalências, todas as ambiguidades: água e fogo. É lunar na medida em que se associa aos ritos de fecundidade, solar pelo fogo de seu sangue e o brilho de seu sêmen. Simboliza ainda a força descontrolada. É representado como signo do Zodíaco (21 de abril – 20 de maio), situando-se entre o equinócio da primavera e o solstício de verão.

O touro se relaciona com a cultura popular no Maranhão através do mito do boi que nasce e renasce a cada ano durante os festejos juninos. Nas próximas imagens temos o “renascimento” do boi por ocasião das festas juninas no Maranhão (figuras 12 e 13, ver também figura 4):

---

<sup>66</sup> Sobre a simbologia do touro, ver CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995, p. 890-895.

<sup>67</sup> A Razia das Vacas de Cooley (Táin Bó Cuailnge). In: **Mitos e Lendas Celtas: Irlanda**. Trad. de Angélica Varandas. Lisboa: Livros e Livros, 2006. p. 143-162.



Figuras 12 e 13. **Bumba-meu-Boi no Maranhão**. Fotos de Márcio Vasconcelos. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/bumba-meu-boi-pode-se-tornar-patrimonio-imaterial-da-humanidade> ; acesso em 20 setembro 2020

Conforme a lenda, Pai Francisco, um escravo, devido ao fato de sua esposa, Catirina, estar grávida e desejar comer a língua do boi favorito do dono da fazenda (ou amo), mata o animal e foge. Começa então uma perseguição. Pai Francisco pede ajuda aos índios, para não ser castigado, e é atendido, pois o pajé consegue

ressuscitar o boi, ficando selado assim o perdão do senhor, tudo terminando em festa.<sup>68</sup>

Nesse mito, revela-se a união das culturas de brancos, índios e africanos na formação do Brasil. O auto-do-boi, encenado todos os anos pelos grupos folclóricos do Maranhão nos arraiais, conta através de seus “sotaques” a história do boi, que, tal como D. Sebastião, morre e renasce para trazer a prosperidade. A seguir, apresentamos uma toada que conta as origens do Desejado e sua relação com o touro Ápis, bem como outras representações desse animal na mitologia:

O boi é um tema universal  
É mito, divindade, animal  
No Egito e na Índia e todos os povos  
O boi é festa tradicional  
Boi Ápis, Minotauro, força vital  
Touro negro, que é Zeus  
Deus grego, touro negro de couro bordado  
Que vive no areal  
É o Rei, Dom Sebastião  
Touro negro encantado no Maranhão  
É festa e tradição  
Quem ainda não conhece  
Venha conhecer  
O Boi Universal com o seu lindo guarnicer  
(Toada “Boi Universal”) <sup>69</sup>

O touro é um elemento presente em várias culturas, conforme mostra a toada. Na cultura grega, Zeus, transfigurado em touro branco, deitou-se aos pés de Europa, que o acariciou. Ao montar no touro, este alçou voo e se dirigiu ao mar, indo para Creta. Lá, Zeus e Europa, tiveram três filhos. O primeiro foi Minos, rei de Creta. Este, visando a mostrar sua preferência por Poseidon, Deus dos Mares, prometeu que lhe sacrificaria um touro branco, mas não teve coragem devido à beleza do animal. Como vingança, Poseidon fez com que sua esposa se apaixonasse

---

<sup>68</sup> Sobre a lenda, Cf.: AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-Boi no Maranhão**. 2ª ed. aumentada. São Luís: Alumar, 1997; FURLANETTO, Beatriz Helena. Bumba-meu-boi do Maranhão: território de encontros e representações sociais. In: **R. RA’E GA**, Curitiba, n. 20, p. 107-113, 2010. Sobre os desdobramentos da lenda na atualidade e sua relação com os cultos africanos no Maranhão, ver FERRETI, Sérgio. Encantaria Maranhense de D. Sebastião. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**. Vol. 1, n.1, , p. 262-285, 2013.

<sup>69</sup> **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luís: Iphan/MA, 2011. p. 12.

e copulasse com o touro, o que gerou a figura do minotauro, metade touro e metade homem.

O rei manda então construir um labirinto para encerrar o monstro, a quem são entregues continuamente homens e mulheres de Atenas em sacrifício, até que o herói Teseu, auxiliado pelo fio de Ariadne, consegue ser vitorioso e matar o monstro. O mito de D. Sebastião e sua relação com o touro estão associados à fecundidade e à prosperidade, que poderia ser garantida por este animal.

O touro representa também a força vital. Na Península Ibérica, o boi era abençoado antes da morte, sendo abatido na Páscoa. O mesmo acontece até hoje na Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, no Maranhão. Na Espanha, a *corrida de toros* também se relaciona ao “abate, retaliação do corpo, alimentação, vida, morte e renovação”.<sup>70</sup>

Além disso, este animal aparece como divindade entre os indianos. O Deus védico Shiva possui um touro que se chama Nandi, representando justiça e força, simbolizando o *dharma*, a ordem cósmica. Por fim, o touro está ainda associado à água, símbolo de fertilidade e à lua, lembrando que existe a crença que D. Sebastião aparece na Ilha dos Lençóis (figura 4) à noite, nas noites de lua cheia.

A importância de D. Sebastião foi retomada várias vezes na História de Portugal. O rei é, por exemplo, lembrado por poetas como Camões, contemporâneo do soberano, a quem *Os Lusíadas* (1572) são dedicados, ou por Fernando Pessoa, no poema *Mensagem* (1934).

No Brasil, o mito do retorno de D. Sebastião esteve ligado, no passado e no presente, com a vida das pessoas pobres, que ansiavam por melhores condições de vida. Maria de Macedo, por exemplo, presa em 1666, afirmava encontrar D. Sebastião e sua família numa ilha encantada, com embarcações preparadas para voltar a Portugal. Rosa Egipcíaca, uma ex-prostituta e depois devota em Minas Gerais, previa a volta desse monarca, que, de acordo com suas previsões, se casaria com ela. Depois ocorreria um período de dilúvio, após o qual se iniciaria um

---

<sup>70</sup> BRAGA, Pedro. **O Touro Encantado na Ilha dos Lençóis. O Sebastianismo no Maranhão.** Petrópolis: Vozes, 2001. p. 57.

período de felicidade.<sup>71</sup> Também houve vários movimentos messiânicos no Brasil no século XIX e início do século XX, que acreditavam no retorno de D. Sebastião, como por exemplo em Pernambuco os movimentos da Pedra do Rodeador (1817-1820) e o de Pedra Bonita ou Reino do Encantado (1836-1838)<sup>72</sup>.

Outros movimentos populares que defendiam o retorno do soberano português capaz de trazer felicidade aos pobres foi o de Canudos, realizado em Belo Monte, na Bahia, liderado pelo místico Antônio Conselheiro; e ainda, no início do século XX, o Contestado (1912-1916), movimento de pessoas de origem humilde dos estados de Paraná e Santa Catarina, no qual liderados pelo místico José Maria, a população acreditava no retorno do Encoberto.<sup>73</sup>

Historicamente, D. Sebastião partiu de Portugal em junho de 1578 e em 4 de agosto foi totalmente desbaratado pelos Mouros na Batalha dos Três Reis, perto de Alcácer-Quibir (Ksar-el-Kebir) (figura 3). O próprio rei pereceu e morreram 8.000 de seus homens, sendo capturados cerca de 15.000. Poucos escaparam.

É interessante observar que, ao contrário do rei Sebastião histórico, virgem e solteiro, o mesmo possui no Brasil (e no Maranhão, em especial) uma ampla descendência, contribuindo assim para a ideia de fertilidade e abundância trazidas pelo touro e associadas ao monarca. Nos cultos de matriz africana, por exemplo, temos Sebastiãozinho, a princesa Ina ou Iná, entre outros.

Segundo algumas lendas, quando da construção do Porto de Itaqui, em São Luís, no Maranhão, visando a explicar várias mortes que ocorreram de escafandristas nesta localidade, os afogamentos foram atribuídos à princesa. Este

---

<sup>71</sup> A figura Rosa Egípcíaca e sua relação com D. Sebastião foi estudada por Luís Mott, que analisou os autos do processo de Inquisição, no qual ela relatava suas visões com o Encoberto. Ver MOTT, Luís. **Rosa Egípcíaca** – Uma Santa Africana no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993; GODOY, Marcio H. **D. Sebastião no Brasil**. Das Oralidades Tradicionais à Mídia. 244f. Tese de Doutorado em Comunicação e Estética. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007. p. 63-79.

<sup>72</sup> CABRAL, Flávio José Gomes. Em nome do El-rei D. Sebastião: Guerras Sebásticas e mistérios encobertos no Rodeador e em Pedra Bonita. In: ZIERER, Adriana; XIMENDES, Carlos Alberto (orgs.) **História Antiga e Medieval: cultura e ensino**. São Luís: Ed.UEMA, 2009, v. 1, p. 147-158. CABRAL, Flávio José Gomes. **Paraíso Terreal: A Rebelião Sebastianista na Serra do Rodeador – Pernambuco, 1820**. São Paulo: Annablume, 2004.

<sup>73</sup> Sobre esses movimentos messiânicos, Cf.: QUEIROZ, Maria Isaura P. de. D. Sebastião no Brasil. O Imaginário em movimentos messiânicos nacionais. **Revista USP**. São Paulo, v. 20, p. 29-41, 1994. SALOMÃO, Eduardo Rizzatti. **A Guerra de S. Sebastião (1912-1916): um estudo sobre a ressignificação do mito do rei encoberto no movimento sociorreligioso do Contestado**. 2012. 292 f. Tese (Doutorado em História). Brasília: Universidade de Brasília, 2012. GOMES, Antônio Maspoli. Fontes do Messianismo Milenarista Brasileiro. **Revista USP**. São Paulo, n. 124, p. 79-94, janeiro-março 2020.

acontecimento foi entendido pela população local como uma reação de Ina contra os “ataques” ao seu reino encantado. Por isso, foram realizados “trabalhos” a pedido das autoridades, ou melhor, cerimônias com Pais de Santo, buscando “acalmar” a ira da princesa, as quais teriam surtido efeito, uma vez que as mortes cessaram, conforme relatado pelo engenheiro Bento M. Lima Neto em seu livro.<sup>74</sup>

Outro aspecto interessante para pensarmos acerca de D. Sebastião – uma espécie de Cristo regenerado *ou alter christus*, ou novo Artur<sup>75</sup> – é a capacidade curativa que o monarca de origem lusa (e brasileira atualmente) possuiria, de acordo com a tradição oral. No depoimento de D. Mariazinha, são relatadas as funções de D. Sebastião nos terreiros:

Aqui no meu terreiro tem uma filha daqui que recebe o rei Sebastião na forma de touro. Quando ele se transforma em Touro e ela recebe o Touro, ela não fala, ela canta e bebe muita água. Aqui na minha casa Ele já fez muita cura. Uma vez veio uma senhora do interior que chegou louca e Ele botou ela boazinha. Ele fez remédio, Ele banhou a cabeça dela, iluminou, banhou com água de coco da praia e ela ficou boa. Ele é um encantado que só procura fazer o bem.<sup>76</sup>

Percebemos por meio da fala desta praticante da religião de matriz africana que D. Sebastião está relacionado com o aspecto da cura (tal como, por exemplo o rei Artur), bem como com aspectos positivos, por ser um “encantado” que faz o “bem” às pessoas.

Outros filhos de D. Sebastião que são mencionados nas entrevistas feitas por Pedro Braga e praticantes do tambor de mina são: Princesa Flora (filha de D. Sebastião e da Rainha Bárbara ou Iemanjá) e João de Una, filho de D. Sebastião. O rei também é conhecido no tambor como Xapanã, Ossi e Oxóssi.<sup>77</sup>

D. Sebastião é ainda louvado numa toada do Boi de Maracanã, de Humberto de Maracanã:

---

<sup>74</sup> MARTINS, Carolina; ALVES, Elio. Terreiro do Egito: memórias e resistência em São Luís do Maranhão. *Clio*. Revista de Pesquisa Histórica, (Recife), n. 35, p. 138-139, jul-dez, 2017.

<sup>75</sup> BACCEGA, Marcus. O Touro Encantado na Noite dos Tempos: Sebastião, Sacramento de Artur. In: BACCEGA, M. (org.). **Combates e Concórdias: temporalidades do conflito e da conciliação na tradição medieval**. Curitiba: CRV, 2018. p. 35-50.

<sup>76</sup> Depoimento recolhido pelo autor em 1979. MORAES, Jomar. **O Rei Touro e outras Lendas Maranhenses**. 2ª ed. Imperatriz: Ética, 2008. p. 72.

<sup>77</sup> BRAGA, Pedro. **O Touro Encantado na Ilha dos Lençóis**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 84.

Maranhão, meu tesouro, meu torrão  
Fiz esta toada pra ti, Maranhão  
Terra do babaçu que a natureza cultiva  
Esta palmeira nativa é que me dá inspiração  
**Na praia dos lençóis tem um touro encantado**  
**E o reinado do rei Sebastião**  
Sereia canta na proa  
Na mata o guriatã  
Terra da pirunga doce  
E tem a gostosa pitombotã  
E todo ano, a grande festa da Juçara  
No mês de Outubro no Maracanã  
No mês de Junho tem o bumbá-meu-boi  
Que é festejado em louvor a São João  
O amo canta e balança o maracá  
A matraca e pandeiro é que faz tremer o chão  
Esta herança foi deixada por nossos avós  
Hoje cultivada por nós  
Pra compôr tua história Maranhão (grifos nossos)

A toada fala de Sebastião não somente no que tange à lenda do touro, mas também em relação ao festejo junino e à ligação dessas lendas com a memória, que auxilia a formação do imaginário maranhense. Percebemos nesse poema e em outros elementos da tradição oral, literária, imagética, o caráter não apenas de regeneração, abundância e fartura entre os reis Artur e D. Sebastião, mas também seu aspecto curativo. Este elemento aparece, como vimos antes, nos mitos celtas e germânicos da ligação entre o rei/terra, tão presentes no mito arturiano.

### **Considerações Finais**

Em períodos como o atual, tempo da aceleração constante das informações, de encurtamento do tempo, do excesso de atividades a serem feitas no cotidiano, por que ainda precisamos estudar História? E mais ainda, por que Idade Média?

Buscamos com este artigo fazer o chamado diálogo do presente-passado-presente, porque consideramos que, para compreendermos melhor as relações de poder que existem hoje (o chamado imaginário político) e o que muitas vezes esperamos dos governantes da atualidade, precisamos voltar nosso olhar ao passado. Não importa se esse passado é próximo ou distante, importa é o diálogo



entre os diversos tempos, que levam os historiadores a fazer perguntas ao ontem para dar repostas ao presente.

O rei Artur e D. Sebastião são até hoje modelos de governantes ideais na sociedade Ocidental. Todos nós ainda esperamos uma espécie de rei ideal, messias que irá tornar a nossa sociedade mais rica, mais próspera, mais justa; em síntese, melhor do que está agora. Quando o rei Artur vai voltar, quando D. Sebastião irá desencantar, ninguém sabe. Teoricamente, eles voltarão no dia que mais precisarmos deles.

Artur e D. Sebastião representam também Cristo, porque se sacrificaram pelo seu povo, tal como Cristo se sacrificou ao ser pregado na Cruz, segundo a concepção cristã, para “apagar” os pecados da humanidade desde a Queda de Adão e Eva. Cristo também ressuscitou e retorna a cada missa, através da Eucaristia, fazendo com que todos os católicos tomem a Sua carne e o Seu sangue através da hóstia.

O rei Artur está imortalizado através de sua ida à ilha de Avalon, bem como da sua ligação com o Santo Graal, capaz não somente de garantir a abundância de Camelot, como também com propriedades curativas, sendo capaz de curar o rei Pescador. Por isso, o rei Artur está associado a animais representantes da fertilidade, força e abundância, como o urso e o dragão.

No caso de D. Sebastião, outro duplo de Cristo e de Artur, temos a fertilidade e a abundância simbolizadas pelo rei justo que vai voltar para trazer riqueza e justiça para os mais necessitados. Isso é representado no Brasil não somente pelo reino de Queluz, que irá emergir das águas após o desencantamento do touro, como também pela sua descendência de “encantados”. Por último, o mesmo se daria pela própria figura do touro, símbolo da força (associada à justiça) e abundância.

Assim, estudar o passado medieval continua a ser muito importante hoje em dia, através de Artur, D. Sebastião e das simbologias associadas a esses monarcas, como por exemplo, as relações destes com o urso, o dragão e o touro. Só problematizando o passado – e aqui utilizamos o imaginário político –, somos capazes de compreender as relações de poder na sociedade do presente. Por isso, o

estudo da História como disciplina é e continuará sempre sendo relevante. Viva Marc Bloch!

### **Referências bibliográficas**

#### **Fontes Primárias**

**A Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 1995.

**A Canção dos Nibelungos (Das Nibelungenlied).** Tradução de Luís Krauss. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

**A Demanda do Santo Graal.** Ed. Crítica e fac-similar de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. I (1955) e v. II (1970).

**A Demanda do Santo Graal.** Ed. de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.

**A Demanda do Santo Graal.** Edição de Heitor Megale. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

**A Gruta onde Artur Dorme.** *In:* VARANDAS, Angélica. **Mitos e Lendas Celtas: País de Gales.** Lisboa: Livros e Livros, 2007, p. 259-262.

**A Razia das Vacas de Cooley (Táin Bó Cuailnge).** *In:* VARANDAS, Angélica (trad.). **Mitos e Lendas Celtas: Irlanda.** Lisboa: Livros e Livros, 2006, p. 143-162.

BEHEIM-SCHWARZBACH, Martin. **Sagas de Heróis e Cavaleiros. Mitos Germânicos.** São Paulo: Paz e Terra, 1996, v. 1.

CHRÉTIEN DE TROYES. **Perceval ou o Romance do Graal.** Trad. Rosemary Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GEOFFREY OF MONMOUTH. **The History of the Kings of Britain.** Edition by Michael D. Reeve. Great Britain: The Boydell Press, 2007.

GEOFFROY DE MONMOUTH. **Historia Regum Britanniae (Histoire des Rois de Bretagne).** Traduite et commenté par Laurence Mathey-Maille. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

\_\_\_\_\_. **Historia Regum Britanniae.** *In:* FARAL, Edmond. **La Légende Arthuriene - Textes et Documents.** Paris: Honoré Champion, 1929, Tomo III, p. 256-308.

GILDAS. **A Destrução da Bretanha e sua Conquista.** Trad. e notas de Bruno Oliveira. *In:* COSTA, Ricardo da (org.). **Testemunhos da História. Documentos de História Antiga e Medieval.** Vitória: EDUFES, 2002, p. 109-207. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/gildas.htm>.

**Mabinogion.** Trad. de José Domingos Morais. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.

NENNIUS. História dos Bretões. Trad., apresentação e notas de Adriana Zierer. In: COSTA, Ricardo (Org.). **Testemunhos da História. Documentos de História Antiga e Medieval.** Vitória: EDUFES, 2002, p. 209-253. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/nennius.htm>.

PESSOA, Fernando. **Mensagem** (1934). São Paulo: Hedra, 2007.

**Sagas Islandesas. Saga dos Volsungos.** Organização e Tradução de Théo Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009.

WACE'S. **Roman de Brut.** Text and Translation Judith Weiss. Revised Edition. Exeter: University of Exeter, 2002.

**Waltharius.** Edición revisada, introduction, comentário y traducción de Rubén Florio (ed. Bilingüe latin-castellano). Madrid: Bellaterra/Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Universidad Autónoma de Barcelona, Nueva Roma 17, 2002.

Y Gododdin. The Gododdin Elegies. In: KOCH, John (Ed.). **The Celtic Heroic Age.** Literary Sources for Ancient Celtic Europe and Early Ireland and Wales. Massachusetts: Celtic Studies Publication, 1995, p. 296-337.

#### **Fontes Secundárias**

ALVAR, Carlos. **Breve Dicionário Artúrico.** Madrid, Alianza Editorial, 1997.

AURELL, Martin. **La Légende du Roi Arthur (550-1250).** Paris: Perrin, 2007.

AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-Boi no Maranhão.** 2ª ed. aumentada. São Luís: Alumar, 1997.

BACCEGA, Marcus. O Touro Encantado na Noite dos Tempos: Sebastião, Sacramento de Artur. In: BACCEGA, M. (Org.). **Combates e Concórdias:** temporalidades do conflito e da conciliação na tradição medieval. Curitiba: CRV, 2018, p. 35-50.

BARBOSA, Pedro Gomes. Sua Majestade, o urso. In: SILVA, Carlos Guardado (Coord.). **O imaginário Medieval.** Torres Vedras: Colibri/Fac. Letras da Univ. Lisboa, 2014, p. 9-15.

BARROS, José d' Assunção. **História Comparada.** São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. História Política: da expansão conceitual às novas conexões intradisciplinares. **Opsis**, v. 12, n. 1, p. 29-55, jan./jun., 2012.

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal.** Rio de Janeiro, Globo, 2004.

\_\_\_ **L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident medieval.** Paris: Le Leopard d'Or, 1996.

BERCÉ, Yves-Marie. **O Rei Oculto: salvadores e impostores. Mitos Políticos Populares na Europa Moderna.** São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2003.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_ **Apologia da História.** Ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRAGA, Pedro. **O Touro Encantado na Ilha dos Lençóis.** O Sebastianismo no Maranhão. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRANDÃO, Junito de Sousa. **Mitologia Grega.** Vol. 3. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRUNEL, Pierre. (org.). **Dicionário de Mitos Literários.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CABRAL, Flávio José Gomes. **Paraíso Terreal: A Rebelião Sebastianista na Serra do Rodeador – Pernambuco, 1820.** São Paulo: Annablume, 2004.

\_\_\_ **Em nome do El-rei D. Sebastião: Guerras Sebásticas e mistérios encobertos no Rodeador e em Pedra Bonita.** In: ZIERER, Adriana; XIMENDES, Carlos Alberto (orgs.) **História Antiga e Medieval: cultura e ensino.** São Luís: Ed.UEMA, 2009, v. 1, p. 147-158.

CARDOSO, Ciro. **Sete Olhares sobre a Antigüidade.** Brasília: Ed. UNB, 1998.

\_\_\_ **O Método Comparativo na História.** In: CARDOSO, Ciro; PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. **Os Métodos da História.** Rio de Janeiro: Graal, 2002.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica.** São Paulo, Martins Fontes, 1972.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações.** Lisboa: Difel, 1988.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.

CUNLIFFE, Barry. **The Celts: a very short introduction.** Oxford: Oxford University Press, 2003.

DETIENNE, Marcel. **Comparar o Incomparável.** Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

DUBY, Georges. **A Idade Média na França – De Hugo Capeto a Joana D’Arc**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. **As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

ECO, Humberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FALCON, Francisco. História e Poder. *In*: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 61-89.

FARAL, Edmond. **La Légende Arthuriene – Textes et Documents**. Paris: Honoré Champion, 1929.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1989.

FERRETI, Sérgio. Encantaria Maranhense de D. Sebastião. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**. Vol. 1, n.1, p. 262-285, 2013.

\_\_\_\_\_. O Mito e Ritos de D. Sebastião no Tambor de Mina. 10º Congresso Brasileiro de Folclore. **Anais**. Recife: Comissão Nacional de Folclore, São Luís: Comissão Nacional de Folclore, 2004.

FLORIO, Rubén. Estudio Introductorio. **Waltharius**. Madrid: Bellaterra/Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Universidad Autònoma de Barcelona, Nueva Roma 17, p. 17-74, 2002.

FRANCO JR., Hilário. Valtário e Rolando: Do Herói Pagão ao Herói Cristão. **A Eva Barbada. Ensaios de Mitologia Medieval**. São Paulo: EDUSP, p. 159-172, 1996.

\_\_\_\_\_. O Retorno de Artur: o imaginário da política e a política do imaginário no século XII. **Os Três Dedos de Adão**. São Paulo: EDUSP, p. 173-192, 2010.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Bumba-meu-boi do Maranhão: território de encontros e representações sociais. **R. RA’E GA**, Curitiba, n. 20, p. 107-113, 2010.

GRAF, Arturo. Artú nel’Etna. **Miti, leggende e superstizioni del Medio Evo**. Torino: Ermanno Loescher, v. II, p. 303-335, 1893.

GODOY, Marcio H. **D. Sebastião no Brasil**. Das Oralidades Tradicionais à Mídia. 244f. Tese de Doutorado em Comunicação e Estética. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

GOMES, Antônio Maspoli. Fontes do Messianismo Milenarista Brasileiro. **Revista USP**. São Paulo, n. 124, p. 79-94, janeiro-março 2020.

GOMES, Rita. A Reflexão Antropológica na História da Realeza Medieval. **Etnográfica**, v. II (1), 1988.

HERMANN, Jacqueline. **No Reino do Desejado**. A Construção do Sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **1580-1560. O Sonho da Salvação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. Sementes do Messias: percursos do messianismo régio ibérico (sécs. XIV-XVI). **Mirabilia**, Barcelona, UAB, v. 21, p. 222-241, 2015/2.

\_\_\_\_\_. Sebastianismo. In: VAINFAS, Ronaldo (dir.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. São Paulo: Objetiva, 2000b, p. 523-526.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Estampa, 1983, v. 2.

\_\_\_\_\_. A História Política Continua a ser a Espinha Dorsal da História? **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, p. 351-367, 1994.

\_\_\_\_\_. **Homens e Mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

\_\_\_\_\_. Cultura Eclesiástica e Cultura Folclórica na Idade Média: São Marcelo e o Dragão de Paris. **Para um Novo Conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, p. 221-261, 1980.

LE ROUX, François e GUYONVARC'H, Christian-J. **A Civilização Celta**. Lisboa: Europa-América, 1993.

LIBERMAN, Anatoly. *Berserkir*: A Double Legend. **Brathair**. Revista de Estudos Celtas e Germânicos, São Luís, (UEMA), 4 (2), p. 97-101, 2004.

LOOMIS, Roger Sherman. **The Development of Arthurian Romance**. New York: Dover, 2000.

LÓPEZ FÉREZ, Juan Antonio. Los Celtas en la Literatura Griega de los Siglos VI-I a.c. **Pasado y Presente de los Estudios Celtas**. Ortigueira (A Coruña): Fundación Ortegalia/Instituto de Estudios Celtas, p. 787-839, 2007.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Deuses e Demônios**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MACEDO, José Rivair. Sobre a Idade Média Residual no Brasil. **A Idade Média Portuguesa e o Brasil**. Porto Alegre: Vidrúguas, p. 9-20, 2011.

MARTINS, Carolina; ALVES, Elio. Terreiro do Egito: memórias e resistência em São Luís do Maranhão. **Clio**. Revista de Pesquisa Histórica, Recife, n. 35, p. 137-151, Jul-Dez, 2017.

MATTHEY-MAILLE, Laurence. Notes. In: GEOFFREY DE MONMOUTH. **Historia Regum Britanniae (Histoire des Rois de Bretagne)**. Traduite et commenté par Laurence Mathey-Maille. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

MEGIANI, Ana Paula Torres. **O Jovem Rei Encantado**. Expectativas do Messianismo Régio em Portugal, séculos XIII a XVI. São Paulo: Hucitec, 2003.

MORAES, Jomar. **O Rei Touro e outras Lendas Maranhenses**. 2ª ed. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 32ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MOTT, Luís. **Rosa Egípcia** – Uma Santa Africana no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

NIETO SORIA, José Manuel. **Fundamentos Ideológicos del Poder Real en Castilla**. Madrid: EUDEMA Universidad, 1988.

PASTOUREAU, Michel. **L'Ours. Histoire d'un Roi Déchu**. Paris: Seuil, 2007.

\_\_. **Una Historia Simbólica de la Edad Media Occidental**. Buenos Aires: Katz, 2006.

PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. “Filhos do Rei Sebastião”, “Filhos da Lua”: construções simbólicas sobre os nativos da Ilha dos Lençóis. **Cadernos de Campo. São Paulo**, v. 13, n. 13, p. 61-74, mar. 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. D. Sebastião no Brasil. O Imaginário em movimentos messiânicos nacionais. **Revista USP**. São Paulo, v. 20, p. 29-41, 1994.

ROLLESTON, T.W. **Guia Ilustrado de Mitologia Céltica**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993

SAINERO, Ramón. **Diccionario Akal de Mitología Celta**. Madrid: Akal, 1999.

\_\_. **Sagas Celtas Primitivas en la Literatura Inglesa**. Madrid: Arkal, 1993.

SALOMÃO, Eduardo Rizzatti. **A Guerra de S. Sebastião (1912-1916)**: um estudo sobre a resignificação do mito do rei encoberto no movimento sociorreligioso do Contestado. 2012. 292 f. Tese (Doutorado em História). Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

SANTOS JÚNIOR, João Júlio; Sochaczewski, Monique. História Global: um empreendimento intelectual em curso. **Revista Tempo**, v. 23, n. 3, set-dez, p. 483-502, 2017.

SJÖBLÖM, Tom. The Great Mother The Cult of the Bear in Celtic Traditions. **Studia Celtica Fennica**, III, p. 71-78, 2006.

THEML, Neyde. As Meninas Ursas: Festa de Integração Social. In: LESSA, Fábio de Souza e BUSTAMANTE, Regina M. da Cunha. **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad/SBEC, 2005, p. 259-272.

VARANDAS, Angélica. O Rosto do Herói Medieval: Beowulf e Gawain. **Brathair**. Revista de Estudos Celtas e Germânicos, v. 10, n. 2, p. 26-50.

\_\_. O Dragão: (pre)figurações de Debate em *Beowulf*. **Anglo-saxónica**. Revista do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa. Lisboa, série II, n. 10/11, p. 311-336, 1999.

\_\_ **Mitos e Lendas Celtas: País de Gales**. Lisboa: Livros e Livros, 2007.

\_\_. **Mitos e Lendas Celtas: Irlanda**. Lisboa: Livros e Livros, 2006.

\_\_. A Perseguição do Javali. In: SILVA, Carlos Guardado (Coord). **O imaginário Medieval**. Torres Vedras: Colibri/Fac. Letras da Univ. Lisboa, 2014, p. 27-46.

WALTER, Philippe. L'ours déchu: Arthur dans la Demanda do santo Grial. **Cahiers de -linguistique et de civilisation hispaniques médiévales**, n. 25, p. 319-328, 2002.

ZIERER, Adriana. O Rei Artur e sua Apropriação na Longa Duração, do Rei Afonso III, de Portugal a D. Sebastião, o Desejado. **Revista Graphos**, v. 17, n. 2, p. 74-90, 2015.

\_\_. **Da Ilha dos bem aventurados à busca do Santo Graal: uma outra viagem pela Idade Média**. São Luís: Ed. UEMA/Apoio FAPEMA, 2013.

\_\_. **Artur**. São Paulo: Planeta, 2004.

\_\_. D. Sebastião, O Encantado, no Maranhão: uma ferramenta para a reflexão histórica no Ensino Básico. In: CAMÊLO, Júlia; MATEUS, Yuri Alhadef. (Orgs). **História do Maranhão na Sala de Aula: formação, saberes e sugestões**. São Luís: Eduema, 2019, p. 101-119.

### Fontes Digitais

**BACCEGA, Marcus. Conferência: A Utopia Encantada ao reencantamento da Utopia: Dom Sebastião e a Ilha do Maranhão**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=5bdnqtGdGkg&feature=youtu.be>. Acesso em: 15/10/2020.



**Batalha de Alcácer-Quibir. 4 de agosto de 1578.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=buqKnugl77M>. Acesso em: 08/08/2019.

**Boi de Maracanã – Humberto de Maracanã.** 30 Anos de Cantoria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W4-uBrjVHU4>. Acesso em: 20/10/2020.

**Homenagem a El-Rei D. Sebastião de Portugal.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bb-Je6Z7xjo>. Acesso em: 08/08/2019.

**Mabinogion. Translated by Lady Charlotte Guest.** Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/5160/5160-h/5160-h.htm>. Acesso em: 15/09/2020.

**Maranhão, meu tesouro, meu torrão – Humberto Maracanã.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eGna25C6V3c>. Acesso em: 20/10/2020.

**Sala de Notícias 1. Sebastião Encantado.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lzPDkPujWWA>. Acesso em: 08/08/2019.

**G1 Maranhão. ‘Sepultada a albina mais antiga da Ilha dos Lençóis no Norte do MA’.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/sepultada-a-albina-mais-antiga-da-ilha-dos-lencois-no-norte-do-ma.ghtml>

Acesso em: 20/09/2020

## Imagens

Figura 1. **Langtoft’s chronicles:** Northern England, c. 1307 – c. 1327, [Royal MS 20 a ii](#), f. 4r, British Library. Disponível em:

<https://blogs.bl.uk/digitisedmanuscripts/2019/09/king-arthur-fable-fact-and-fiction.html>

[http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Royal\\_MS\\_20\\_A\\_II](http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Royal_MS_20_A_II) Acesso em: 20 agosto 2020

Figura 2. Cristovão de Morais. **D. Sebastião**, c. 1571-1574. Museu Nacional de Arte Antiga. Lisboa. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o\\_I\\_de\\_Portugal#/media/Ficheiro:Sebasti%C3%A3o\\_de\\_Portugal\\_c.1571-1574\\_-\\_Crist%C3%B3v%C3%A3o\\_de\\_Morais.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o_I_de_Portugal#/media/Ficheiro:Sebasti%C3%A3o_de_Portugal_c.1571-1574_-_Crist%C3%B3v%C3%A3o_de_Morais.png)

Acesso em: 20 setembro 2020.

Figura 3. Representação da Batalha de Alcácer-Quibir (1578), no Marrocos.

Disponível em:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c1/Lagos46\\_kopie.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c1/Lagos46_kopie.jpg)

Acesso em: 20 setembro 2020.

[Figura 4.](#) Ilha dos Lençóis, Maranhão. Foto de Gabriel Castaldi, 2010.

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c7/Encalhado.jpg>

Acesso em: 20 setembro 2020.

Figura 5. **Boi na Festa de São João**, caracterizado como um touro negro com uma estrela brilhante na testa.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bumba\\_meu\\_boi\\_do\\_Maranh%C3%A3o#/media/Ficheiro:Bumba\\_meu\\_boi\\_-\\_Maranh%C3%A3o,\\_Brasil.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bumba_meu_boi_do_Maranh%C3%A3o#/media/Ficheiro:Bumba_meu_boi_-_Maranh%C3%A3o,_Brasil.jpg)

Acesso em: 20 setembro 2020.

Figura 6. **Artur derrota o gigante do Monte S. Michel**. Final do Século XII. Manuscrito da *Historia Regum Britanniae*. Ms. 880, f. 66v. Bibliothèque Municipale. Douai. Disponível em:

<http://expositions.bnf.fr/arthur/grand/011.htm>

Acesso em: 20 setembro 2020.

Figura 7. Deusa Artio em sua forma de ursina e humana. Museu de Berna, Suíça.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Artio#/media/Ficheiro:HMB\\_-\\_Muri\\_statuette\\_group\\_-\\_Artio.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Artio#/media/Ficheiro:HMB_-_Muri_statuette_group_-_Artio.jpg)

Acesso em: 20 setembro 2020.

Figura 8. Combate entre Artur e Frollo. *Roman de Brut*. BNF, Manuscrits, Français 1454, fol. 72. Disponível em:

[http://expositions.bnf.fr/arthur/grand/fr\\_1454\\_072.htm](http://expositions.bnf.fr/arthur/grand/fr_1454_072.htm).

Acesso em: 20 setembro 2020.

Figura 9. Robert Wace. *Roman de Brut*. **Vortigern, o Dragão Vermelho e o Branco e a Torre:**

[https://it.wikipedia.org/wiki/Roman\\_de\\_Brut#/media/File:Roman\\_de\\_Brut\\_-\\_Vortigern\\_Tower.jpg](https://it.wikipedia.org/wiki/Roman_de_Brut#/media/File:Roman_de_Brut_-_Vortigern_Tower.jpg)

Acesso em: 20 setembro 2020.

Figura 10. **Bandeira do País de Gales na atualidade**. Disponível em:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Flag\\_of\\_Wales#/media/File:Flag\\_of\\_Wales\\_\(1959%E2%80%93present\).svg](https://en.wikipedia.org/wiki/Flag_of_Wales#/media/File:Flag_of_Wales_(1959%E2%80%93present).svg)

Acesso em: 20 setembro 2020.

Figura 11. **Rei Artur em combate contra os bárbaros, com o estandarte do dragão. Século XIV**. Biblioteca Nacional de France. In: ROLLESTON, T.W. *Guia Ilustrado de Mitologia Céltica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 125.

Figuras 12 e 13. Bumba-meu-Boi no Maranhão. Fotos de Márcio Vasconcelos.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/bumba-meu-boi-pode-se-tornar-patrimonio-imaterial-da-humanidade> Acesso em: 20 setembro 2020.

Recebido: 08/11/2020  
Aprovado: 10/03/2021